

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA - CCET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN - PPGDg  
CURSO DE MESTRADO EM DESIGN

**ALESSANDRA MARIA SILVA SANTOS MAIA**

**CUIDADO E AUTOCUIDADO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE:**  
**designantropologia para a** cocriação de futuros possíveis com mães de crianças  
com espectro autista

São Luís  
2024

**ALESSANDRA MARIA SILVA SANTOS MAIA**

**CUIDADO E AUTOCUIDADO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE:  
designantropologia para a cocriação de futuros possíveis com mães de crianças  
com espectro autista**

Dissertação apresentada como requisito à  
obtenção de título de mestre pelo Programa de  
Pós-graduação *Stricto Sensu* em Design da  
Universidade Federal do Maranhão.

Área de concentração: Design de Produto.

Linha de pesquisa: Design: Materiais,  
Processos e Tecnologias

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Gomes Noronha

São Luís

2024

Maia, Alessandra Maria Silva Santos.

CUIDADO E AUTOCUIDADO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE :  
Designantropologia para a cocriação de futuros possíveis  
com mães de crianças / Alessandra Maria Silva Santos Maia.  
- 2024.

95 f.

Orientador(a): Raquel Gomes Noronha.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Design/ccet, Universidade Federal do Maranhão, Sao Luis,  
2024.

1. Cuidado e Autocuidado. 2. Mães de Crianças Com  
Tea. 3. Designantropologia e Cocriação. 4. . 5. . I.  
Gomes Noronha, Raquel. II. Título.

**ALESSANDRA MARIA SILVA SANTOS MAIA**

**CUIDADO E AUTOCUIDADO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE:  
designantropologia para a cocriação de futuros possíveis com mães de crianças  
com espectro autista**

Dissertação apresentada como requisito à  
obtenção de título de mestre pelo Programa de  
Pós-graduação *Stricto Sensu* em Design da  
Universidade Federal do Maranhão.

Área de concentração: Design de Produto

Linha de Pesquisa: Design: Materiais,  
Processos e Tecnologias.

**Data de Defesa:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Gomes Noronha - DEDET/UFMA

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

**Orientador (a)**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lucia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina

**Membro Avaliador (a)**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eva Rolim Miranda

Doutora em Ciências das Artes e Estudos Culturais pela Universidade de Paris -  
*Pantheón-Sorbonne*

**Membro Avaliador (a)**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Imaíra Portela de Araújo Medeiros

Doutora em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial/Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ)

**Membro Avaliador (a)**

Dedico este trabalho às minhas filhas, à minha mãe, à minha mãe, às minhas sobrinhas, às mães copesquisadoras e às mulheres que exercem a função de cuidado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, por minha família e por tudo que nos concede, dentre tanto, esta oportunidade de realizar o Mestrado na UFMA.

Agradeço à Professora Raquel Gomes Noronha, por ter aceitado ser minha orientadora e por ter me incentivado e ensinado nesta jornada do Mestrado, apresentando autores, leituras, compartilhando generosamente diálogos e vivências, enfim, saberes que vão muito além da pesquisa acadêmica.

Às coparticipantes da pesquisa, por terem compartilhado tantas vivências comigo, pela sua generosidade em compartilhar suas experiências do cotidiano, sou muito grata pelas nossas conversas.

Agradeço à Gestão do Centro, pela paciência e pela liberação da realização da pesquisa de campo junto às mães dos estudantes.

A todos os professores da UFMA, da USP e da PUC-Rio por compartilhar seus conhecimentos nas disciplinas que cursei durante o Mestrado. A todos pesquisadores e colegas que tive oportunidade de conhecer, do grupo de estudos, Nida, pois os encontros propiciaram muitas ideias novas. Aos colegas da turma de Mestrado, especialmente Fernanda Fonseca, Samuel Silva e Stênio Bruzaca.

Ao meu marido, Dante, por me apresentar ao Design, pelo amor, presença comigo, por sempre me incentivar, acolher, por fazer parte da minha rede de apoio junto às nossas filhas, para que eu pudesse me dedicar a este trabalho, e por ter contribuído com as figuras - fotos e imagens. Agradeço à Carolina Maria e à Beatriz Maria, minhas filhas, por seus lindos desenhos, pelo amor, presença comigo, acolhimento, carinho, incentivo e paciência.

À minha mãe, Marcia Nava, pelo seu cuidado de mãe, por fazer parte da minha rede de apoio e por ter me ajudado com a revisão final do texto.

Agradeço às colegas e aos colegas de trabalho da SEDUC-MA e da residência jurídica no Tribunal de Justiça pela compreensão no decorrer do Mestrado.

Aos meus irmãos e sobrinhos, especialmente minha irmã Luciana, que se interessou por conhecer sobre minha pesquisa.

Agradeço aos meus avós (*in memorian*) que sempre me incentivaram e contaram histórias que me inspiram até hoje.

Agradeço ao meu pai, José Durval (*in memorian*).

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir

## RESUMO

O presente estudo aborda a temática do "Cuidado e Autocuidado em Situações de Vulnerabilidade" por meio do designantropologia para a cocriação de futuros possíveis em colaboração com mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com fundamento em uma abordagem qualitativa, abrangendo uma exploração aprofundada das trocas entre as copesquisadoras, em uma perspectiva que transcende à mera assistência, compreendendo o cuidado como um fenômeno multidimensional. A pesquisa adota um enfoque interdisciplinar, combinando elementos de designantropologia e do feminismo, com o objetivo de contextualizar as experiências das mães dentro de um contexto mais amplo de relações de poder e gênero. O foco principal repousa na compreensão da complexa interligação entre o cuidado prestado pelas mães às crianças com TEA e seu próprio processo de autocuidado, um aspecto frequentemente negligenciado em contextos de vulnerabilidade. A pesquisa também contempla uma análise das lacunas existentes nas políticas públicas destinadas a apoiar as famílias nessa jornada, bem como o modo como essas mães enfrentam e moldam suas realidades diárias. A metodologia envolve a pesquisa-ação-participativa, permitindo que as mães participem ativamente na cocriação de estratégias e soluções que visem melhorar a qualidade de vida de suas famílias. O estudo buscou um olhar atento sobre o papel dessas mães, destacando suas experiências, desafios e aspirações, fornecendo *insights* valiosos para abordagens mais eficazes e abrangentes de apoio às famílias em situações similares. Os objetivos gerais e específicos do estudo foram delineados, mapeando teorias, discursos e práticas relacionados ao cuidado, identificando as vulnerabilidades percebidas pelas mães, cocriando a partir de abordagens de designantropologia para reflexão e estimulação de futuros possíveis, e refletindo sobre o processo de cocriação e sua contribuição para a promoção do autocuidado e imaginação de futuros. A pesquisa fundamentou-se em práticas de correspondências entre pesquisadores e participantes, aplicando conceitos de designantropologia para refletir sobre as experiências das mães e promover mudanças sociais tendo como resultados a cocriação e a projeção de futuros e possibilidades. Como resultado da pesquisa, constatou-se que as mães coparticipantes precisam ser incluídas no planejamento das políticas públicas que lhes proporcionem mínimas condições para que possam exercer o cuidado e o autocuidado. E as reflexões aqui realizadas podem servir como ponto de partida para futuras correspondências entre designers e as coparticipantes.

**Palavras-chave:** Cuidado e Autocuidado. Mães de crianças com TEA. Designantropologia e cocriação.

## ABSTRACT

The present study addresses the theme of "Care and Self-Care in Vulnerable Situations" through designanthropology to the co-creation of possible futures in collaboration with mothers of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). Based on a qualitative approach, encompassing an in-depth exploration of exchanges between co-researchers, from a perspective that transcends mere assistance, understanding care as a multidimensional phenomenon. The research adopts an interdisciplinary approach, combining elements of designanthropology and feminism, with the aim of contextualizing mothers' experiences within a broader context of power and gender relations. The main focus lies on understanding the complex interconnection between the care provided by mothers to children with ASD and their own self-care process, an aspect often neglected in vulnerable contexts. The research also includes an analysis of the gaps in public policies designed to support families on this journey, as well as the way these mothers face and shape their daily realities. The methodology involves participatory action research, allowing mothers to actively participate in the co-creation of strategies and solutions that aim to improve the quality of life of their families. The study sought to take a close look at the role of these mothers, highlighting their experiences, challenges and aspirations, providing valuable insights for more effective and comprehensive approaches to supporting families in similar situations. The general and specific objectives of the study were outlined, mapping theories, discourses and practices related to care, identifying the vulnerabilities perceived by mothers, co-creating from designanthropology approaches for reflection and stimulation of possible futures, and reflecting on the process of co-creation and its contribution to promoting self-care and imagining futures. The research was based on correspondence practices between researchers and participants, applying concepts of designanthropology to reflect on mothers' experiences and promote social changes resulting in co-creation and projection of futures and possibilities. As a result of the research, it was found that co-participating mothers need to be included in the planning of macropolitics that provide them with minimum conditions so that they can exercise care and self-care. And the reflections that were made can serve as a starting point for future correspondence between designers and co-participants.

**Keywords:** Care and Self-care. Mothers of children with ASD. Designanthropology and co-creation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                          |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> - Articulação Gráfica da Pesquisa.....                                                   | 20 |
| <b>Figura 2</b> - Localização do Centro Pe. João Mohana.....                                             | 27 |
| <b>Figura 3</b> - Níveis de gravidade para transtorno do Espectro do Autismo....                         | 32 |
| <b>Figura 4</b> - Ciclo da Violência Doméstica.....                                                      | 44 |
| <b>Figura 5</b> -. Busca pelo Rompimento do Ciclo de Violência Doméstica.....                            | 46 |
| <b>Figura 6</b> - Primeira Visita ao Centro e diagnóstico com a gestão.....                              | 47 |
| <b>Figura 7</b> - Terceira Visita ao Centro - Formação de Servidores.....                                | 49 |
| <b>Figura 8</b> - Terceira Visita ao Centro - Formação de Servidores.....                                | 50 |
| <b>Figura 9</b> - Terceira Visita ao Centro - Formação de Servidores.....                                | 50 |
| <b>Figura 10</b> - Terceira Visita ao Centro - Formação de Servidores.....                               | 51 |
| <b>Figura 11</b> - Terceira Visita ao Centro - Formação de Servidores.....                               | 51 |
| <b>Figura 12</b> - Registro de Materiais Utilizados no 4º encontro.....                                  | 53 |
| <b>Figura 13</b> - Registro após realização de jogo/dinâmica envolvendo coparticipantes e materiais..... | 55 |
| <b>Figura 14</b> - Visita Guiada.....                                                                    | 58 |
| <b>Figura 15</b> - Visita Guiada.....                                                                    | 58 |
| <b>Figura 16</b> - Visita Guiada.....                                                                    | 59 |
| <b>Figura 17</b> - Após a visita guiada fomos para o auditório do Centro.....                            | 59 |
| <b>Figura 18</b> - Roda de Conversa no 5º encontro de correspondências.....                              | 60 |
| <b>Figura 19</b> - Oráculo Feminista.....                                                                | 62 |
| <b>Figura 20</b> - Oráculo Feminista.....                                                                | 63 |
| <b>Figura 21</b> - Tarô de Marselha.....                                                                 | 63 |
| <b>Figura 22</b> - Baralho Cigano.....                                                                   | 64 |
| <b>Figura 23</b> - Cards sobre <i>Mindfulness</i> .....                                                  | 64 |
| <b>Figura 24</b> - Cards sobre Vulnerabilidade Emocional.....                                            | 65 |
| <b>Figura 25</b> - Cartões sobre Proteção de Crianças.....                                               | 65 |
| <b>Figura 26</b> - Atividade sugerida para a passagem do dia da Mulher.....                              | 67 |
| <b>Figura 27</b> - Enquete 2 realizada com as coparticipantes.....                                       | 68 |
| <b>Figura 28</b> - Enquete 2 realizada com as coparticipantes.....                                       | 68 |
| <b>Figura 29</b> - Reflexão da Enquete 2 realizada com as coparticipantes.....                           | 69 |
| <b>Figura 30</b> - Reflexão da Enquete 2 realizada com as coparticipantes.....                           | 70 |
| <b>Figura 31</b> - Reflexão da Enquete 2 realizada com as coparticipantes.....                           | 70 |

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 32</b> - Vídeo 1 enviado via aplicativo <i>WhatsApp</i> ..... | 71 |
| <b>Figura 33</b> - Vídeo 2 enviado via aplicativo <i>WhatsApp</i> ..... | 72 |
| <b>Figura 34</b> - Representação da triangulação de dados.....          | 73 |
| <b>Figura 35</b> – Triangulação de dados 1.....                         | 76 |
| <b>Figura 36</b> – Triangulação de dados 2.....                         | 78 |
| <b>Figura 37</b> – Triangulação de dados 3.....                         | 79 |
| <b>Figura 38</b> – Triangulação de dados 4.....                         | 80 |
| <b>Figura 39</b> – Gráfico com reflexões.....                           | 83 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|          |                                                                                                                     |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| TEA      | TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA                                                                                      |
| CDC      | Center of Diseases Control and Prevention                                                                           |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                                                     |
| A.E.E    | Atendimento Educacional Especializado                                                                               |
| OMS      | Organização Mundial de Saúde                                                                                        |
| OPAS     | Organização Pan-Americana de Saúde                                                                                  |
| DI       | Deficiência Intelectual                                                                                             |
| CEEE     | Centro de Ensino de Educação Especial                                                                               |
| UFMA     | Universidade Federal do Maranhão                                                                                    |
| OAB      | Ordem dos Advogados do Brasil                                                                                       |
| SEDUC-MA | Secretaria de Educação do Estado do Maranhão                                                                        |
| TJ-MA    | Tribunal de Justiça do Maranhão                                                                                     |
| MPU      | Medidas Protetivas de Urgência                                                                                      |
| UPA      | Unidade de Pronto Atendimento                                                                                       |
| CSU      | Centro Social Urbano                                                                                                |
| DSM      | Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou<br>Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais |
| AVD      | Atividade de Vida Diária                                                                                            |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                     |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                                                                                 | <b>13</b> |
| <b>2 METODOLOGIA</b>                                                                                                                | <b>22</b> |
| 2.1 Qualificando a pesquisa                                                                                                         | 22        |
| 2.2 Etapas da pesquisa                                                                                                              | 24        |
| 2.3 Situando o lugar e as copesquisadoras                                                                                           | 27        |
| 2.4 Questões éticas da pesquisa                                                                                                     | 28        |
| <b>3 CONHECENDO SOBRE O TRANSTORNO DO<br/>ESPECTRO AUTISTA (TEA) PARA A CRIAÇÃO DE<br/>CONEXÕES COM AS MÃES DE CRIANÇAS COM TEA</b> | <b>30</b> |
| <b>4 DESIGNANTROPOLOGIA E PRÁTICAS DE CUIDADO</b>                                                                                   | <b>33</b> |
| 4.1 Designantropologia                                                                                                              | 33        |
| 4.2 Cuidado e design para o cuidado                                                                                                 | 34        |
| 4.3 Reconhecendo o cuidado como algo diferente do altruísmo                                                                         | 35        |
| 4.4 O afeto e o afetar                                                                                                              | 38        |
| <b>5 DESIGNANTROPOLOGIA, GÊNERO E FEMINISMO</b>                                                                                     | <b>40</b> |
| 5.1 As mães e mulheres da comunidade escolar                                                                                        | 40        |
| 5.2 Designantropologia, cuidado e o combate à<br>violência contra a mulher                                                          | 42        |
| <b>6 CORRESPONDÊNCIAS EM CAMPO</b>                                                                                                  | <b>47</b> |
| <b>7 RESULTADOS E DEBATES</b>                                                                                                       | <b>73</b> |
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                                       | <b>83</b> |
| REFERÊNCIAS                                                                                                                         | 86        |

## 1 INTRODUÇÃO

Professora Alessandra, todo dia, antes de vir para a escola com meu filho, pra conseguir pegar o ônibus escolar, eu tenho que caminhar da minha casa até o final da rua, empurrando a cadeira de rodas dele. A rua tem ladeiras e descidas e é cheia de buracos, dá um cansaço, mas é uma luta pelo meu filho, pra ajudar ele. Com chuva ou sol (Mãe de um estudante).

No Brasil, estima-se que 2 milhões de pessoas estejam dentro do espectro autista. Não há uma precisão quanto aos dados, posto que não há um estudo estatístico que compreenda informações sobre o quantitativo preciso (Paiva Jr., 2019). Segundo dados do *Center of Diseases Control and Prevention* (CDC) a cada 110 pessoas, uma possui TEA (Oliveira, 2016).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apenas em 2022 incluiu uma pergunta sobre autismo: “Já foi diagnosticado(a) com autismo por algum profissional da saúde?”, com respostas admitidas “sim” ou “não” (Paiva Jr., 2019). Este questionamento simples abre caminhos para a busca da superação das tantas incertezas que envolvem o espectro (IBGE, 2022).

O Maranhão, com população atual estimada de 6,7 milhões de habitantes (IBGE, 2023) tem uma estimativa de 67 mil pessoas dentro do espectro autista. Esta pesquisa investiga a impactante realidade das mães cujas vidas são profundamente influenciadas após o diagnóstico do espectro autista em seus filhos. A rotina dessas mães passa por transformações significativas devido às demandas diárias de cuidado e supervisão, as quais variam de acordo com as necessidades específicas das crianças. O diagnóstico coloca as crianças no âmbito das pessoas com deficiência, conforme definido pela Lei 12.764/2012<sup>1</sup>, e suas mães enfrentam um cotidiano repleto de atividades voltadas para o cuidado e apoio aos seus dependentes.

---

<sup>1</sup> A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

§ 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Eles precisam aguardar o término das aulas na escola, para intervir em caso de intercorrência (*engasgo, alteração significativa no comportamento, etc.*), levam para consultas, dedicam-se integralmente aos cuidados, visto que os/as filhos/as possuem transtorno do espectro autista e/ou deficiência intelectual em São Luís - MA. Imersas em tantos afazeres, muitas vezes nem percebem que além de todas as dificuldades, como a de conseguir emprego, não ter com quem deixar seus filhos, não ter lazer, vivenciar severas dificuldades financeiras, faltam-lhes informações sobre saúde integral, cuidado, bem-estar, qualidade de vida, economia doméstica e profissão. Muitas foram abandonadas pelos cônjuges, companheiros ou companheiras e sozinhas, zelando da filha ou do filho PCD, vivenciam uma rotina com pouco ou nenhum espaço para o autocuidado.

No âmbito do Design e sua relação com o cuidado é imprescindível refletir sobre as perspectivas ético-políticas para pensar a ideia de cuidado como algo que vai além de atitudes bem intencionadas (Bellacasa, 2017). A autora, ao tratar sobre a “reunião das coisas negligenciadas” relaciona o cuidado com a luta feminista: ambos envolvem um pensamento disruptivo e preocupação com situações que envolvem exclusão, injustiças sociais e críticas sobre as relações de poder.

---

§ 3º Os estabelecimentos públicos e privados referidos na Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, poderão valer-se da fita quebra-cabeça, símbolo mundial da conscientização do transtorno do espectro autista, para identificar a prioridade devida às pessoas com transtorno do espectro autista. (Incluído pela Lei nº 13.977, de 2020)

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

I - a intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista;

II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação;

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

IV - (VETADO);

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

VI - a responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País.

Parágrafo único. Para cumprimento das diretrizes de que trata este artigo, o poder público poderá firmar contrato de direito público ou convênio com pessoas jurídicas de direito privado (Brasil, 2012).

O design e sua perspectiva política buscam o bem comum, através de ações e intervenções em prol de transformações sociais (Fry, 2010). O design tem intencionalidade (op.cit), portanto cabe aos profissionais e pesquisadores fazer escolhas libertadoras ou escolhas que aprisionam. E falando sobre escolhas, adiante, na metodologia ressalta-se a utilização da escrita em primeira pessoa, buscando maior proximidade com as pessoas que estiveram conectadas com as questões levantadas nesta pesquisa, aproximando-a para o que se entende como uma “pesquisa situada” (Simonsen et al., 2014), no campo do design.

Diante desta situação e a experiência da pesquisadora como coordenadora no CEEE Pe. João Mohana, em 2018 e 2019, submetemos a problemática encontrada à luz dos estudos em designantropologia, que buscam, por meio de intervenções situadas nos espaços de pesquisa, promover a reflexão, tomada de consciência e imaginação de futuros possíveis (Izídio; Farias; Noronha, 2022) para superação da realidade aqui apresentada, chegando à questão de pesquisa: como o designantropologia, em seus processos cocriativos, pode contribuir para a promoção do autocuidado, a tomada de consciência e a imaginação de futuros possíveis entre as mães em situação de vulnerabilidade em uma escola pública em São Luís?

Este estudo teve, portanto, como objetivo geral a busca por compreender como o designantropologia e a cocriação de coisas de design podem contribuir para a imaginação de futuros possíveis com as mães de crianças com autismo, em situação de vulnerabilidade, com ênfase no cuidado e autonomia destas mulheres.

E como objetivos específicos identificamos:

- 1) Mapear teorias, discursos e práticas sobre a relação design, cuidado e vulnerabilidade, entre mães de crianças autistas;
- 2) Identificar se e como percebem as vulnerabilidades que vivenciam;
- 3) Por meio de práticas de correspondências, cocriar coisas de design para refletir e estimular imaginações de futuros sobre o cuidado e autocuidado através da abordagem de designantropologia;
- 4) Refletir sobre o processo de cocriação realizado e contribuir com caminhos para a imaginação de futuros sobre cuidado e autocuidado em situação de vulnerabilidade.

Os movimentos que envolvem a busca por atingir os objetivos, através das interações e construções advindas do afetar e ser afetada pelas participantes têm sua justificativa fundamentadas em pilares, a saber:

A escolha da temática vulnerabilidade de mães de crianças autistas deve-se a situações observadas durante minha atuação profissional, relativas à sobrecarga em suas tarefas diárias, preocupações e responsabilidades, sem oportunidade para momentos de autocuidado, com sensação de desvalorização, solidão e de falta de perspectivas. E além de todas as dificuldades, como a de não conseguir emprego, não ter lazer, vivenciar severas dificuldades financeiras, a de estarem sujeitas a diversas formas de violência.

Uma razão substancial que impulsionou este estudo a respeito do cuidado de mães em situação de vulnerabilidade foi a condução de uma revisão de literatura assistemática que, conforme Lakatos e Marconi (2003), é utilizada com a finalidade de revisar estudos realizados anteriormente para levantamento de informações atualizadas referentes à temática.

Durante a revisão, ficou evidente a carência de estudos abordando a temática o que ressaltou a necessidade premente de mais pesquisas nesse campo, com foco no cuidado prestado às mães.

Há, no campo do design, o projeto “Escola de Mães”, em Santos-SP, utilizando a cocriação a partir dos conceitos de acolhimento, humanização e empatia (Pessoa et al, 2019) com o objetivo de reduzir a taxa de mortalidade infantil, ou seja, as mães são instruídas, acolhidas, mas o escopo do projeto não é o cuidado com elas.

No serviço social, há estudo sobre políticas sociais focando no cuidado como direito social, como o proposto por Prá, Mioto e Wiese (2018). Neste caso, voltado para as necessidades das famílias. E há também pesquisa sobre as mulheres cuidadoras de idosos demonstrando a prevalência feminina nestas atividades relacionadas ao cuidado (Montenegro, 2018).

A importância da temática relaciona-se ainda com a construção da autonomia feminina, a fim de se refletir sobre as fragilidades de um sistema que ainda trata estas mães como minoria na sociedade, utilizando-se de discursos aparentemente ingênuos com o intuito de manutenção do *status quo*. Sobre o feminismo, seus princípios vão muito além de ir contra a caracterização de uma mulher frágil física e emocionalmente, bem como sexualmente passiva, suas conexões remetem a outras lutas sociais também robustas, como o racismo, o sexismo e outros conceitos pré concebidos, os preconceitos (Lugones, 2008).

No âmbito do designantropologia esta pesquisa consiste em práticas de correspondências entre pesquisadoras e copesquisadoras, de todas as mulheres

envolvidas no cuidados com filhos, para colocar em processo de reimaginação as noções de cuidado com os filhos e autocuidado, em um processo político de design.

De acordo com Ingold (2016), o conceito de correspondências refere-se a um modo de relação atencional entre os seres vivos e o ambiente em que estão inseridos. Essa abordagem destaca que as ações humanas, ou mais que humanas, são intrinsecamente enredadas com o mundo ao seu redor, e não podem ser separadas dele. Em vez de ver os seres como entidades isoladas que interagem com seu ambiente de forma externa, a noção de correspondências enfatiza a continuidade e a interdependência entre as ações humanas e mais que humanas e os contextos em que ocorrem.

Ingold (2016) argumenta que as correspondências não se tratam de conexões fixas ou pré-determinadas, mas sim de relações emergentes e dinâmicas. As ações humanas se desdobram em meio a essas correspondências, moldando e sendo moldadas pelos elementos do ambiente. Isso significa que as práticas humanas não podem ser compreendidas de forma isolada, mas sim como parte de um tecido mais amplo de interações e influências mútuas.

Portanto, quando se discute a construção coletiva a partir de práticas de correspondência, está-se enfatizando a ideia de que as ações das pessoas são entrelaçadas com seus contextos de maneira intrincada. Essa abordagem ressalta a importância de considerar as interações contínuas e interdependentes entre sujeitos e ambientes ao analisar as dinâmicas de pesquisa, promovendo uma compreensão mais holística e integrada das experiências humanas (Ingold, 2016).

Os processos de prototipação em designantropologia propiciam materialidades que, colocadas em cena, em seus contextos de vida, suas relações e subjetividades, podem trazer à tona a consciência crítica sobre suas práticas de autocuidado em seus contextos de vulnerabilidades. E, ainda de modo mais específico, por meio da pesquisa ação participativa, cocriar e materializar “coisas de design” (Binder *et al.*, 2010; Noronha, 2023) que possam contribuir para o processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, e até profissional, das mães das crianças das classes do centro. Nesta perspectiva, Ingold (2012) ao propor trazer as coisas de volta à vida, convida-nos a imaginar o mundo como se fosse uma cozinha onde combinamos coisas (ingredientes) para obter resultados palpáveis (e degustáveis). Assim, ao refletir sobre coisas de design, quando as combinamos, conseguimos buscar ideias -

prototipar, cocriar - de modo a tentar tomadas de consciência, contribuindo para possibilidades de transformações sociais na comunidade em que estamos inseridos.

Na abordagem do designantropologia, as trocas envolvendo o cuidado têm como ponto de partida a cooperação entre design e antropologia a partir de processos reflexivos e criativos (Halse, 2013). O designantropologia tem como fundamento a utilização nos projetos, dos processos do design e artefatos materiais e imateriais, para transformar sistemas de valores prejudiciais aos grupos vulneráveis (Tunstall, 2013).

A pesquisa em questão estabelece de forma sólida sua conexão com a linha de pesquisa "Design: materiais, processos e tecnologias" dentro do âmbito do Programa de Pós-Graduação em Design. Ao enquadrar o design como uma ferramenta de natureza política, ancoramos nossa abordagem no pensamento de Fry (2010), o qual destaca que a concretização de artefatos desempenha um papel crucial na mediação do diálogo social e na construção de visões prospectivas.

Ao abraçar essa perspectiva, a pesquisa alinha-se de maneira coesa com a proposta da linha de pesquisa, que busca explorar os aspectos relacionados aos materiais utilizados, aos processos empregados e às tecnologias envolvidas no campo do design. A compreensão do design como um agente capaz de materializar ideias, necessidades e aspirações da sociedade torna-se central para a abordagem que adotamos.

Ao considerar a materialização de artefatos como um veículo para fomentar o diálogo, a pesquisa estabelece uma ponte entre a esfera do design e a esfera das demandas sociais. Essa abordagem permite-nos explorar como o design pode efetivamente atuar como um intermediário entre os anseios da comunidade e as soluções tangíveis que podem surgir por meio do processo de design.

Portanto, a pesquisa não apenas abraça, mas também enriquece a linha de pesquisa "Design: materiais, processos e tecnologias", ao trazer à tona a importância do design como um meio de refletir sobre as situações sociais como coisas de design, a observação das pessoas e suas vivências como materialidades e imaterialidades. Por meio dessa conexão intrínseca, a pesquisa contribui para uma compreensão mais profunda da função do design na sociedade contemporânea e oferece *insights* valiosos sobre como o design pode se tornar um facilitador ativo na promoção de mudanças sociais e culturais.

A cocriação de possíveis realidades e transformações por meio de designantropologia contribuiu para o reconhecimento da pertinência da temática abordada. As práticas que envolvem o designantropologia têm em sua essência princípios que buscam ação micropolítica (Lagares; Farias; Noronha, 2022), trazendo à tona as vozes não oficiais, vulnerabilizadas e invisibilizadas para participar das discussões e das tomadas de decisão.

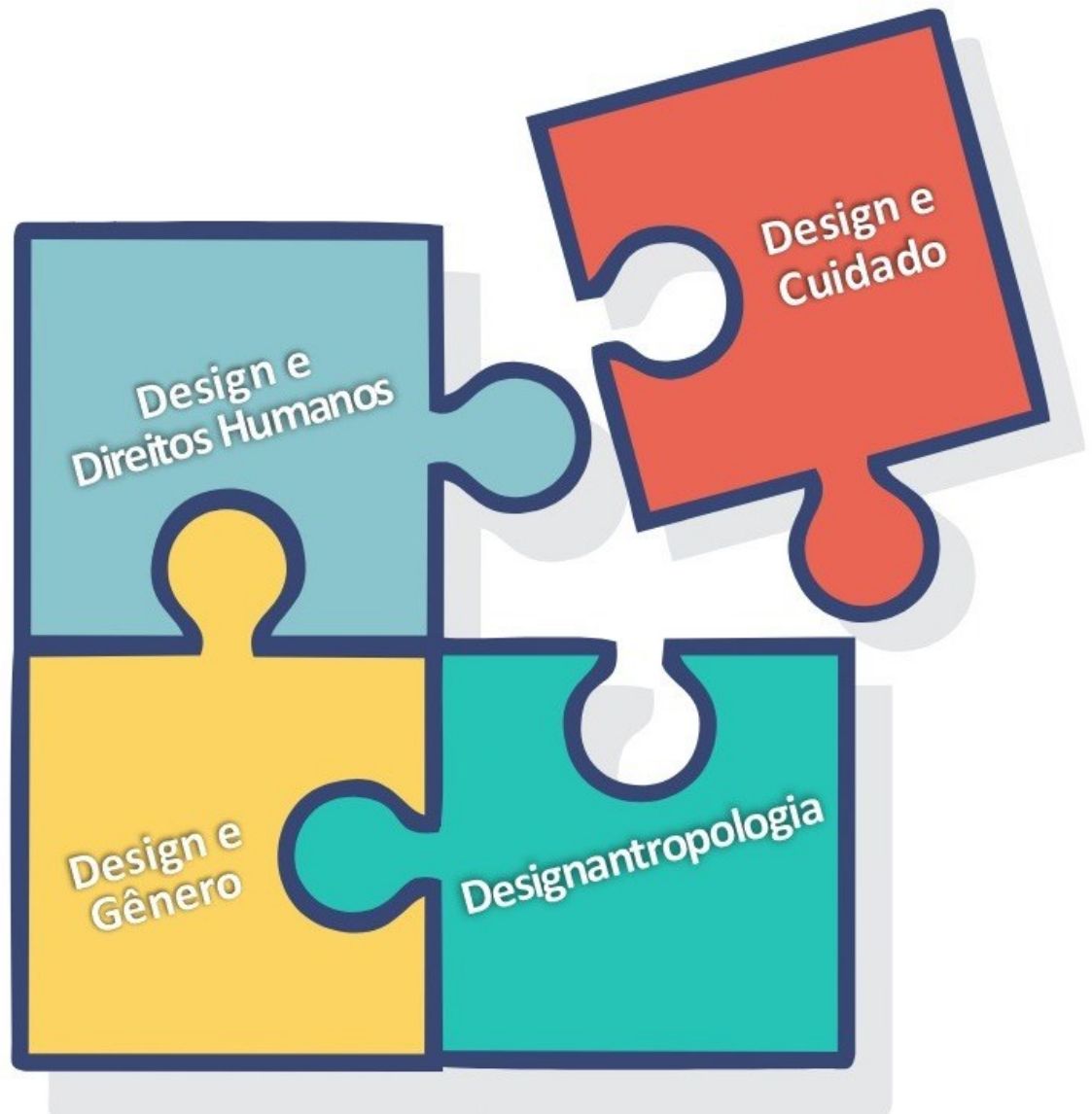
No âmbito de designantropologia se dá o processo de imaginação de futuros que consiste em projetar, trazer à existência algo que ainda não existe, tanto no nível abstrato, compreendendo ideias e conceitos, quanto no nível mais concreto, com desenhos e protótipos (Halse, 2013). Neste contexto, o estudo das vulnerabilidades das mães de pessoas com espectro autista se relaciona com a linha de materiais do programa de pós-graduação, *stricto sensu*, mestrado em design da Universidade Federal do Maranhão, posto que a pesquisa consiste em prototipação, cocriação de possibilidades de futuros entre as coparticipantes.

E a imaginação de futuros pode ser como um jogo, um quebra-cabeça, com a procura pelo encaixe de peças que se entrelaçam intersubjetivamente para formar um todo. Um jogo que se relaciona com a interdisciplinaridade. E lembrando do convite feito por Ingold (2012) a imaginar os itens de cozinha como “coisas”, podemos observar como são coisas também o jogo quebra-cabeça (e suas peças), as disciplinas, que igualmente se encaixam como propondo os próximos passos (que também são coisas novas). A figura 1 compreende um quebra-cabeça formado pelas disciplinas, que convergem para possibilitar este estudo. Ao combinar cuidado, designantropologia, direitos humanos e gênero originou-se a presente pesquisa. Jogar quebra-cabeça envolve a montagem de peças, a busca por encaixes quando observamos semelhanças e relações e sua dinâmica reside no fato de que quando se chega no final do jogo, após enfrentar o seu nível de dificuldade, o que se faz é desmontar para montar de novo, em um movimento de montar, remontar e montar novamente, repensando novas estratégias. Quebra-cabeça é um dos símbolos mais antigos do autismo, criado ainda na década de 1960<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver mais em <https://www.autismoemdia.com.br/blog/simbolos-do-autismo/>).

**Figura 1** - Articulação teórica da pesquisa.



Fonte: Alessandra Maria Silva Santos Maia e Dante Oliveira Maia.

Organizando coisas da pesquisa, pensando em coisas de design e na abordagem em designantropologia, é necessário falar também de coisas minhas, dos motivos que me levaram a pensar em design, a pensar nas mães e mulheres, para compreensão do delineamento da pesquisa.

Meu nome é Alessandra Maria, quarta filha do primeiro casamento de minha mãe e meu pai, que se separaram pouco depois de eu completar 3 anos, dentre outros e tantos motivos, por minha mãe ter sofrido violência doméstica durante 15 anos.

Lembro de com pouca idade, bem antes dos 7 anos, quando ainda morávamos em Brasília, sentir fome e pedir para mamãe que queria tomar leite, porém não tínhamos em casa e ela não tinha dinheiro para comprar. Minha irmã mais velha ligou para o meu pai para pedir e ele disse que teríamos bastante comida se fôssemos pra casa dele.

Cresci com residência fixa na casa de minha mãe (com rede de apoio dos meus avós maternos), junto aos meus irmãos e vivíamos da pensão alimentícia. Estudamos em colégios públicos em Brasília e particular (o saudoso Colégio Girassol) aqui em São Luís, a partir de quando mamãe decidiu retornar para São Luís (em julho de 1991).

Tinha o sonho de fazer faculdade de Direito ou de Medicina na Universidade Federal do Maranhão. Acabei entrando no curso de Pedagogia em uma instituição particular, pois tinha completado 18 anos e era recomendável ingressar logo em uma faculdade para manter a pensão alimentícia até os 24 anos, além de que, segundo minha mãe, “professora consegue emprego rápido” (eu e um de meus irmãos com idade próxima à minha entramos no curso de Pedagogia juntos). Concluí o curso de Pedagogia apaixonada por educação e por Língua Portuguesa.

Trabalhei de 2003 a 2009 com reforço escolar em uma escolinha que montei junto à minha mãe e a um dos meus irmãos, tive muitos estudantes com dificuldades de aprendizagem, alguns com dificuldades que eu não conseguia compreender (provavelmente tinham autismo leve - hoje sei que é TEA de nível 1 de suporte).

Em 2006, consegui passar em um concurso público para ser servidora da Secretaria de Educação do Maranhão (SEDUC-MA) e em 2008 fui chamada. Em 2006, também, conheci meu namorado designer. Me encantei, então, pelo designer e pelo Design. Descobri palavras, desenhos, coisas novas que faziam muito sentido para mim, comecei a observar criações, desenhos, assistia apresentações, fiz também correções da parte escrita (revisão de Língua Portuguesa) de monografias de amigos designers e tive a oportunidade, na ocasião, de assistir à apresentação da Dissertação de Mestrado da minha Orientadora do Mestrado, Professora Raquel.

Em 2012 passei para Letras na UFMA, queria muito ter concluído o curso, mas fui jubilada, pois tive que priorizar os aspectos financeiros, aceitando um trabalho como Professora de Inglês para turmas do Ensino Fundamental que era no mesmo turno.

Em 2013 chegou Carolina Maria, Carol, virginiana, minha bebê que me ensina desde o primeiro dia a todos os dias a ser mãe e a buscar ser mais organizada, mais leve, a ser uma pessoa melhor. E conheci como é ser mãe e ter que trabalhar, e me sentir vulnerável, primeiro com um barrigão, depois com um bebê nos braços, dentre tantas situações que mães vivenciam.

Engravidei outras vezes, mais cinco, pra ser exata. Tive quatro abortos espontâneos. Comecei a cursar Direito, em busca de novas perspectivas profissionais e da realização da antiga vontade de cursar Direito.

Em 2018 e em 2019 fui lotada para trabalhar no Centro, como Coordenadora Pedagógica, junto a uma equipe interdisciplinar e conheci as crianças com TEA e suas mães. Queria entender mais o universo das crianças e cursei Psicopedagogia. A Educação Especial envolve situações delicadas e me afetou bastante. Cheguei a ter um sonho lindo, em que um dos meninos que estudava nas Classes Especiais do Centro e era usuário de cadeira de rodas por ter paralisia cerebral (CID 10, G80) conseguia andar, eles brincavam, dançavam, foi um sonho emocionante e quando cheguei na escola na manhã seguinte, contei à sua mãe, nos emocionamos juntas.

Não imaginei engravidar novamente, mas em agosto de 2018, consultando a Carolina com a Dra. Terezinha Rego, na UFMA, acabei ganhando, junto com meu esposo, uma consulta, pois ela, mesmo sem termos pedido, disse que queria nos ajudar a ter mais um bebê.

E em 2019 chegou Beatriz Maria, Bibi, libriana, minha bebê que também me ensina desde o primeiro dia a buscar ser uma pessoa melhor e que dentre tantas coisas que me ensina, me ensinou a ter um olhar novo para as crianças do Centro. Isto porque um dos exames da rotina gestacional mostrava que haveria grande possibilidade de ela nascer com alguma deficiência (física ou cognitiva). Me senti profundamente vinculada às mães do Centro, pois fiquei muito mal com a possibilidade indicada no exame. Não o refiz. O ginecologista obstetra orientou que a única coisa que poderia fazer era esperar o nascimento da bebê. Nessa fase, retomei a conversar com meu pai (médico, psiquiatra), que por telefone me orientava e dizia palavras de esperança e apoio. Graças a Deus, quando ela nasceu, pudemos constatar que o laboratório havia errado quanto ao resultado.

Em 2021, após a pandemia, consegui me formar em Direito. E no final do ano, trabalhando com Formações Continuadas junto às Regionais de Ensino do Estado,

após receber uma reprovação no Exame de Ordem (OAB), resolvi tentar o seletivo de Mestrado em Design.

Em 2022, iniciei o Mestrado em Design, passei na OAB e fui convocada para uma Residência Jurídica no TJ-MA (Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão), para estagiar como Assessora de Gabinete de uma Unidade Jurisdicional, trabalhando, dentre outras coisas, com MPU (Medidas Protetivas de Urgência) e processos relacionados a Pensão Alimentícia.

Este percurso subjetivo é importante, precisei escrever várias coisas sobre mim, não para romantizar meu interesse pelas mães que têm seus filhos com TEA no Centro, mas para mostrar estas coisas que me colocam também nesse lugar chamado trabalho invisível que eu e as coparticipantes desta pesquisa vivenciamos para continuar contextualizando seguindo para tratar sobre o centro de educação especial.

A rotina de um centro de educação especial é repleta de demandas, com muitos atendimentos, estudantes

Em 2018, tive o primeiro contato com as mães, com o centro de educação especial e com as indagações e inquietações relacionadas às dificuldades enfrentadas pelas mães e pelas tentativas realizadas pela equipe de profissionais para levar a elas informação, conhecimento e acolhimento, como pedagoga, integrando a equipe de coordenação pedagógica.

A rotina de um centro de educação especial é repleta de demandas, com muitos atendimentos, estudantes que o frequentam no contraturno (o turno contrário ao do horário da escola regular – das aulas obrigatórias). Atendimento de psicólogos, psicopedagogos, professores de A.E.E. (atendimento educacional especializado), educadores físicos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos e assistentes sociais.

E há estudantes que, devido ao alto grau de comprometimento da deficiência, têm no centro o seu momento de escolarização obrigatória (as chamadas classes especiais), posto que não conseguiram ainda fazer parte do corpo discente de uma escola regular. E há as mães dos estudantes com alto grau de comprometimento: uma das mães fez o relato que inaugura esta dissertação de mestrado, que reflete algumas das dificuldades cotidianas vividas por muitas delas.

Tive, então, acesso ao diálogo com as mães do centro de educação especial, tratando sobre o processo de aprendizagem dos estudantes, nos encontros quinzenais denominados 'Escola de Pais'. A escolha do nome reforça a cultura

patriarcal, que é tão arraigada na sociedade; apesar de o encontro ser praticamente composto em sua totalidade pelas mães, ainda assim é usada a forma masculina, quando o contexto mostra que deveria se chamar Escola de Mães.

Contudo, tal crítica faz sentido apenas quanto à utilização do nome do momento quinzenal, posto que os assuntos tratados dizem, e muito, respeito às mulheres e mães que o frequentam. No capítulo que evidencia o design para o cuidado de mães é delineado o caráter de cuidado dos encontros das mães e profissionais de diversas áreas e da necessidade de mais ações, como as desenvolvidas nesta pesquisa.

Em 2022, ao ingressar no mestrado em design, como pedagoga, bacharel em direito, psicopedagoga e mãe, tive a oportunidade de pesquisar sobre as mães das crianças e adolescentes das classes especiais do centro que se tornaram objeto precípuo.

A partir daqui fazemos a apresentação da pesquisa. Os capítulos desta dissertação mostram a imersão na abordagem do design voltado para o cuidado, para as mães, as vulnerabilidades enfrentadas por elas, sobretudo as mães de pessoas com deficiência frequentadoras do centro de educação especial.

No primeiro capítulo, realizam-se as considerações introdutórias desta pesquisa, abordando os objetivos geral e específicos, justificativa para o estudo, contexto inicial e uma apresentação preliminar, ainda em construção, para esta pesquisa. O segundo capítulo aborda os aspectos metodológicos, uma parte de extrema relevância, que delineia o *modus operandi* da abordagem adotada, que é a de designantropologia, além da exploração da pesquisa-ação-participativa. São detalhados o escopo da pesquisa, o recorte adotado, a identificação do centro de educação especial, sua localização geográfica, e uma descrição minuciosa dos passos seguidos ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

O terceiro capítulo trata sobre o Transtorno do Espectro Autista com conhecimentos importantes sobre esta condição neuropsiquiátrica que afeta as crianças cujas mães são copesquisadoras neste trabalho. Conhecer mais sobre a condição de seus filhos nos conecta à realidade vivida por elas.

No quarto capítulo, são examinadas as interações e trocas que permeiam as relações entre as coparticipantes da pesquisa, com um enfoque especial no contexto do cuidado. Este capítulo ressalta a lacuna entre as políticas públicas existentes e as necessidades individuais e das crianças. Além disso, destaca-se que as práticas de cuidado não devem ser interpretadas unicamente como atos altruístas motivados por

pena ou compaixão, mas sim como esforços legítimos em busca de aprimoramentos e reconhecimento das oportunidades que as mães podem explorar. Focaliza as correspondências observadas no campo. Eles englobam conceitos de materialidade e imaterialidade, descrevendo eventos criativos e situações vivenciadas durante a pesquisa. Também são abordadas as atividades cocriadas pelas coparticipantes, bem como os processos e dinâmicas subjacentes.

No quinto capítulo, intitulado "Designantropologia, Gênero e Feminismo", são explorados conceitos relacionados às dinâmicas de poder e gênero. Este capítulo é fundamental dado que a pesquisa se centra em uma das representações do feminino, mais especificamente, o papel materno.

O capítulo sexto, contém os registros das correspondências em campo, o sete, traz os resultados e debates referentes às correspondências e o oitavo compreende as considerações finais do estudo desenvolvido.

## 2 METODOLOGIA

Em uma pesquisa cuja abordagem teórica e epistemológica baseia-se em designantropologia, justifica-se que o capítulo metodológico se antecipe aos conceitos teóricos, considerando-se que a pesquisa será construída com as mãos do centro de ensino. O caráter situado da pesquisa, portanto, requer que o percurso seja de antemão esclarecido. O design situado destaca as interações e interdependências entre designers, designs, métodos de design e a situação das pessoas envolvidas, atividades, estruturas, características (Simonsen *et al*, 2014). O design situado reconhece a ação envolvida na negociação e o esforço de projetar coisas, sejam estas abstratas ou concretas (Simonsen *et al*, 2014).

Outro fator que merece esclarecimentos e gira ao redor da escrita é de nossa identificação com a escrita em primeira pessoa, às vezes no singular, e outras no plural, porque demonstra o envolvimento que se faz presente em qualquer pesquisa qualitativa, conforme Marconi e Lakatos (2010), haja vista os princípios de reflexividade e subjetividade envolvidos na pesquisa e porque em designantropologia os participantes também são copesquisadores (Noronha, 2023)

### 2.1 Qualificando a pesquisa

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, visa analisar informações a partir de uma observação participante, no âmbito da pesquisa-ação e, conforme explica Creswell (2014), a natureza qualitativa visa propor questionamentos que permitem aos participantes expressar e explicar suas ideias de forma ampla, utilizando nas perguntas termos e expressões como 'como', 'o que' e utilização dos *exploratory verbs* - verbos exploratórios - explorar, entender e/ou descobrir.

É exploratória, considerando que na pesquisa ação participante, a formulação dos conceitos e a definição de ações acontecem conforme o desenrolar da pesquisa de campo em movimentos cíclicos, com interações entre os copesquisadores, que podem, inclusive, fazer modificar a direção das ações (Santos, 2018).

No que tange à natureza, a presente pesquisa é aplicada pois tem por escopo uma busca de conhecimentos que possam contribuir para a prática e que tenham aplicação e utilização (Gil, 2008).

Tal construção coletiva se dá a partir da relação entre os diferentes sujeitos envolvidos e seus diferentes contextos ao tempo de determinada situação consistindo em práticas de correspondência (Ingold, 2016).

Estas práticas, longe de querer impor uma aparente neutralidade, pretendem propor uma aproximação da pesquisadora ao contexto das mulheres em questão ao considerar cada uma das experiências narradas em busca de encontrar e construir respostas coletivamente, pois no designantropologia as participantes são copesquisadoras.

No contexto de diálogo entre mulheres – pesquisadora e mulheres – de se buscar referência e fundamentação nas falas das envolvidas, bell hooks sintetiza que “ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros” (hooks, 2013, p. 125).

Neste sentido o pretendido não foi apontar a vulnerabilidade na qual ou outro se encontra, mas buscar um olhar voltado para o outro e para si, – a autora, de nome Gloria Watkins, usa o pseudônimo bell hooks como homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, destacando-se que a escrita não atende aos padrões utilizados para escrita de nomes próprios, com inicial maiúscula, em suas publicações, nas citações e nas referências, como uma forma genial e peculiar sua de afirmar a relevância da obra em si e não de sua autoria, corroborando aqui que este texto acata o posicionamento da autora.

Segundo Noronha (2021), o designantropologia proporciona atividades essencialmente interdisciplinares objetivando intervir em contextos sociais, através das correspondências, que são relações entre sujeitos quando produzem materialidade, perpassando por conhecimentos empíricos e se põem e se propõem a imaginar futuros.

Assim, com fulcro em Gatt e Ingold (2013), as práticas de correspondências têm como ponto fundamental a observação participante, visto que o designantropologia vislumbra a relação entre sujeitos, materiais, situações, em um movimento que permite a construção de saberes e de possibilidades.

Ao se acionar o designantropologia no processo de busca por superação de vulnerabilidades quer-se deixar o determinismo que envolve as narrativas únicas (Lagares; Noronha, 2022) em prol de construções coletivas que criem espaços para

que as coparticipantes se percebam e emergjam em suas vozes, subjetividades e imaginações de futuros

A abordagem adotada empregou - em estudos anteriores - a expressão em inglês "Design Anthropology", em vez de "design antropológico". Essa escolha decorre da compreensão de que não se trata de um design que possui características antropológicas. Essa designação não qualifica a Antropologia em relação ao Design; ao invés disso, denota uma interseção de aspirações e possibilidades que podem emergir a partir dessa convergência (Anastassakis; Noronha, 2018; Noronha, 2018).

Engajar-se na prática de designantropologia é, por sua própria natureza, um processo narrativo. Ainda que associado a questões contemporâneas carregadas de traumas, como o racismo, o eurocentrismo e o patriarcado, a designantropologia se revela como um meio de reafirmação ontológica, mesmo em face das disrupções causadas pela negação da subjetividade e as consequentes dissociações que podem ocorrer (Izídio, Farias, Noronha, 2022).

Assim, os estudos anteriores discutem a escolha da terminologia e a essência do "designantropologia", destacando que essa abordagem não é a mera combinação de duas disciplinas, mas engloba aspectos de ambas e oferece uma perspectiva narrativa que pode recontextualizar e reintegrar subjetividades em cenários contemporâneos complexos (Izídio, Farias, Noronha, 2022).

## **2.2 Etapas da pesquisa**

A abordagem em designantropologia, que com espeque em Halse (2013), envolve ações em busca de não apenas compreender os aspectos referentes a uma determinada comunidade, mas para de modo integrado construir junto à comunidade o que denomina possíveis futuros, ou seja, a tangibilização de sonhos, desejos e aspirações.

Ressaltam-se os princípios das correspondências: antecipação, atencionalidade, afetar e ser afetado presentes em todas as etapas de desenvolvimento da pesquisa, assim como evidenciados no capítulo que trata sobre designantropologia.

Traçamos então um panorama geral para apresentar o desenho da pesquisa, dividindo-a em etapas que, contudo, não são rígidas, com a finalidade de organizá-la,

mas não de criar limites: a aproximação, a observação participante e a análise e debates.

A observação participante nesta pesquisa contempla ciclos de cocriação, avaliação e análise. Ou seja, por meio da prototipação pretende-se gerar “coisas de design” (Binder *et al.*, 2011) para a imaginação de futuros.

No campo da pedagogia, há o método dialético na construção do ensino-aprendizagem, por uma educação emancipadora, fundamentado na tríade ação-reflexão-ação, planejando-se as ações, colocando-as em prática e em seguida avaliando-as para traçar ajustes no planejamento e retomar o ciclo (Gadotti, 2001).

Enquanto a pedagogia da essência é extremamente determinista, mecânica, e a concepção existencialista é voluntarista e pessimista, a pedagogia dialética da educação é social, científica, uma pedagogia voltada para a construção do homem coletivo, voltada, portanto, para o futuro. (Gadotti, 2001, p. 157).

Trazemos esta contribuição da pedagogia observando pontos de convergência entre o método dialético e a observação participante. Vale registrar que o método dialético tem sua origem com Sócrates, que utilizava a maiêutica, do grego *maieutike*, que etimologicamente significa “arte de partejar”, como método de ensino para parir conhecimentos, tendo se utilizado do termo para homenagear sua mãe, Phaenatike, que era parteira.

A fase exploratória subdivide-se em revisão assistemática de literatura e definição dos procedimentos metodológicos e a fase do trabalho de campo, por sua vez, compreende a etapa de observação-participante / diálogos / correspondências em campo, com temáticas eleitas a partir das atividades e práticas de campo, e cocriação de coisas de design que possam contribuir para a reflexão e imaginação de futuros possíveis no que se refere ao cuidado e ao autocuidado.

A ideia do quebra-cabeça teórico surgiu para auxiliar na elaboração da revisão, reunindo autores que mais conversaram com a pesquisa durante as disciplinas cursadas no decorrer do primeiro ano do mestrado em design e as ideias sobre concepções de design que devem ser abordadas também: a exemplo de design e cuidado / design para o cuidado, a partir dos estudos de designantropologia, questões referentes a direitos humanos e o corpo feminino, a partir de design e gênero e situações que envolvem materialidades a partir de materiais, processos e tecnologias.

Neste contexto, a revisão assistemática consistiu na primeira etapa, com vistas a identificar o estado da arte, contribuindo para a delimitação do problema da

pesquisa, tendo como ponto de partida de acordo com a disponibilização de tempo para a pesquisa conforme a experiência do pesquisador, com o assunto estudado, com os métodos utilizados, com o quantitativo de estudos e, em seguida, a busca por desenvolver habilidades que se relacionam diretamente ao rigor metodológico necessário para a pesquisa.

Na segunda fase da pesquisa a Pesquisa-Ação Participativa, visou a busca por conhecimentos, posto que “pode integrar outros objetivos paralelos, como obter a emancipação política dos envolvidos (...) ou mesmo ser tratada como uma forma indireta de desenvolvimento profissional” (Santos, 2018, p. 61).

Neste sentido, a observação participante compreendeu estratégias que permitiram contribuições das diversas narrativas no espaço de pesquisa, promovendo diálogos e construções fluidas que tinham pertinência temática com os futuros almejados.

Em seguida, a prototipação e aplicação de ferramentas em design, de acordo com Halse (2013) com a realização de eventos criativos e práticas com ênfase na construção coletiva de ideias e que possam conduzir os coparticipantes durante o processo de eleger questões de interesse e criar ‘possíveis futuros’.

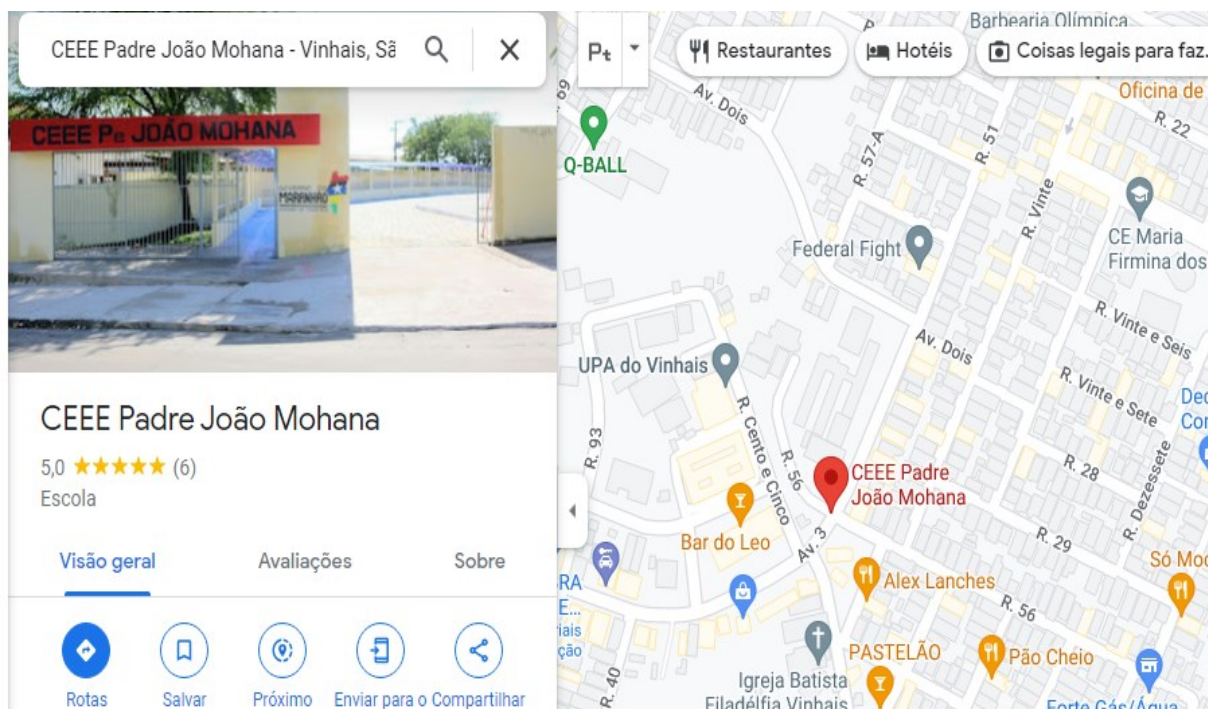
Sendo que esta é uma pesquisa qualitativa, como já tratado anteriormente, através pesquisa-ação participante, identificam-se traços evidentes indicadores do uso de ferramentas cartográficas, que têm presença marcante em estudos que envolvem o campo social (Cintra; Mesquita; Matumoto; Fortuna, 2017).

Corroborando e oferecendo maior segurança à pesquisa, a triangulação dos dados (Minayo, 2010) foi utilizada como análise envolvendo a teoria, as exemplificações com passo a passo, o método e as técnicas, configurando uma forma de avaliação que muito contribui para avanços no campo social, considerando este detalhamento como fundamental para garantir a validade da pesquisa.

### **2.3 Situando o lugar e as copesquisadoras**

Nossas copesquisadoras são mulheres em condição de vulnerabilidade, mães dos estudantes do Centro de Ensino de Educação Especial Padre João Mohana, localizado no bairro Vinhais, em São Luís - MA, ao lado do Farol da Educação, próximo à Cobal, ao conhecido Bar do Léo, ao CSU, à UPA, ao Posto de Saúde e ao Centro de Ressocialização Juvenil.

**Figura 2 - Localização do Centro Pe. João Mohana.**



Fonte: Google Maps.

Mais especificamente, são mães dos estudantes que frequentam a Intervenção Escolar, crianças e jovens, de 8 a 17 anos, com TEA – e/ou com Paralisia Cerebral, com alto grau de comprometimento, dependendo totalmente de sua presença e seu acompanhamento. As mães precisam estar na escola durante o período de aulas, devido às intercorrências que podem ocorrer com as crianças e jovens durante o horário das aulas.

O momento na escola aguardando a saída de seus filhos das atividades do dia, no auditório, era onde existia um espaço destinado para elas, com café e sofá e cadeiras, era o momento em que utilizavam o celular, conversavam sobre suas vivências e dificuldades, mas ainda assim não deixava de ser um tempo de descanso e descontração, pois têm uma rotina exaustiva em casa.

Estas mulheres, algumas vezes, criam os filhos sozinhas, sem um/a companheiro/a, visto que em grande parte das histórias de vida os pais das crianças as deixam quando percebem e vivenciam as exigências e dificuldades envolvidas nos cuidados das crianças com algum tipo de deficiência. Assim, estas famílias, muitas das vezes chefiadas por mulheres, vivem com dificuldades financeiras, por vezes

financiadas pela renda da aposentadoria das crianças com deficiência e sem vislumbrar possibilidades.

Pela manhã, no setor das classes especiais, sete mães participaram da pesquisa.

## **2.4 Questões éticas da pesquisa**

Realizei uma interlocução com a diretora administrativa do estabelecimento pedagógico, buscando a devida autorização para empreender os diálogos e a pesquisa de interesse junto às mães, com o propósito de sondar a viabilidade de sua participação no escopo investigativo. Cumpre mencionar que minha interação com o centro pedagógico remonta ao período entre os anos de 2018 até meados de 2019, período no qual exerci funções de supervisão e coordenação. Minha reintegração à instituição se deu no ano de 2022, quando então assumi o papel de técnica em educação especial. É imperativo frisar que, não obstante minha atual alocação em uma municipalidade do interior do Maranhão, uma motivação intrínseca impulsiona-me a contribuir de modo eficaz com a comunidade escolar, notadamente com as mães dos educandos matriculados nas turmas de cunho especializado.

A obtenção de consentimento por parte da diretoria foi assegurada durante o transcurso do primeiro semestre. Entretanto, vicissitudes pessoais postergaram o início das incursões em campo no âmbito da pesquisa. Consequentemente, no mês de julho, reiterei meu contato com a diretora administrativa, pleiteando a renovação do referido assentimento, a fim de dar início aos desdobramentos em campo no mês subsequente.

A diretora, em sua capacidade decisória, ratificou sua concordância com a condução do estudo, consentindo na disponibilização de acesso às mães, uma prerrogativa crucial para a concretização dos eventos consoantes à pesquisa. Esse posicionamento se pautou, em especial, no reconhecimento de que a pesquisa pode ostentar contribuições meritórias para o corpo de mães em questão.

A disposição manifestada pelas mulheres para participar do estudo foi corroborada por intermédio da formalização do termo de consentimento livre e esclarecido, um documento que encontra-se anexado como Apêndice 1. Ademais, sua aquiescência para a utilização de suas imagens em registros fotográficos e videográficos, devidamente consignada no Apêndice 2, também compôs um aspecto

substantivo da interação. Tal proceder justifica-se pela natureza delicada do tema inerente à pesquisa, categorizado como sensível, porquanto explora contextos que reverberam diretamente nas trajetórias de vida das mães, bem como evidenciam suas fragilidades.

Em um estudo cujo objeto versa sobre o cuidado, a consideração das dimensões éticas revela-se inescusável, merecendo uma abordagem pautada na perspicácia, com o intuito de evitar qualquer potencial exposição indevida da privacidade, da intimidade ou da imagem das mães, salvaguardando-as de situações inconvenientes ou indesejadas que possam advir desse processo investigativo. Contudo, entendemos que tal ética deva ser construída no campo da pesquisa, ao longo da construção de laços de confiança e do coletivo, como propõem os princípios do designantropologia.

A seguir a qualificação das copesquisadoras que concordaram em participar deste estudo com as respectivas idades, números de filhas e de filhos ‘típicos’ e ‘atípicos’ (alguns capítulos a seguir encontram-se as explicações sobre estas terminologias ensinadas pelas mães, que significam, respectivamente, que não se encontra no espectro autista e que está no espectro autista):

| MÃE COPESQUISADORA    | IDADE | QUANTOS<br>FILHOS/FILHAS? | QUANTOS FILHOS / FILHAS COM<br>TEA? |
|-----------------------|-------|---------------------------|-------------------------------------|
| Mãe Copesquisadora 1  | 37    | 3                         | 2                                   |
| Mãe Copesquisadora 2  | 58    | 2                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 3  | 35    | 2                         | 2                                   |
| Mãe Copesquisadora 4  | 29    | 1                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 5  | 25    | 1                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 6  | 32    | 2                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 7  | 31    | 1                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 8  | 34    | 1                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 9  | 35    | 2                         | 1                                   |
| Mãe Copesquisadora 10 | 43    | 3                         | 1                                   |

### **3 CONHECENDO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) PARA A CRIAÇÃO DE CONEXÕES COM AS MÃES DE CRIANÇAS COM TEA**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) - e com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), o TEA, abrange um conjunto de condições em que as pessoas podem apresentar dificuldades na interação social, comunicação e linguagem, com interesse em atividades específicas e repetitivas, que variam de pessoa para pessoa (OPAS, 2023).

Neste contexto, o TEA é uma condição neuropsiquiátrica complexa que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. É considerado um “espectro” porque engloba uma ampla variedade de sintomas, habilidades e níveis de funcionalidade, variando conforme o indivíduo (OPAS, 2023)

O TEA é classificado como um distúrbio do neurodesenvolvimento, ou seja, seus sintomas manifestam-se nos primeiros anos de vida e têm um impacto significativo na vida e no cotidiano das pessoas afetadas (OPAS, 2023)

De acordo com Hudson (2019), o TEA não é uma dificuldade de aprendizagem específica, mas uma condição médica e como tal deve ser diagnosticada por profissional da área, como pediatra, neuropediatra e/ou psiquiatra. Em seguida ao diagnóstico, deve ser iniciado o acompanhamento com equipe multidisciplinar: médico, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, educador físico, fonoaudiólogo, pedagogo, psicopedagogo, psicólogo para contribuir no desenvolvimento da autonomia da pessoa com TEA, especialmente nos casos de maior comprometimento motor, de comunicação verbal e não-verbal, padrões repetitivos de comportamento, respostas sensoriais atípicas, etc.

Pessoas com TEA frequentemente têm dificuldades na comunicação verbal e não verbal. Eles podem ter problemas em compreender as nuances da linguagem, como tom de voz, gestos e expressões faciais, o que pode prejudicar suas habilidades sociais e a capacidade de iniciar e manter conversas (OPAS, 2023).

Muitos indivíduos com TEA exibem padrões repetitivos de comportamento, como movimentos corporais repetitivos, fixações em objetos específicos ou rituais rígidos. Eles podem também desenvolver interesses intensos e focalizados em temas específicos (OPAS, 2023).

Pessoas com TEA podem apresentar respostas sensoriais atípicas, como serem hiperativos a certos estímulos (por exemplo, barulhos altos) ou subreativos a outros (como não perceberem certos estímulos táteis) (OPAS, 2023).

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde, os objetivos do tratamento do TEA variam de acordo com as necessidades individuais de cada pessoa, mas geralmente incluem (OPAS, 2023):

- *Melhorar a Comunicação:* Terapeutas frequentemente trabalham para melhorar as habilidades de comunicação verbal e não verbal, ensinando estratégias para facilitar a interação com os outros.
- *Desenvolver Habilidades Sociais:* Treinamento é fornecido para auxiliar indivíduos com TEA a entender e se envolver em situações sociais, como reconhecer expressões faciais e entender pistas sociais.
- *Gerenciar Comportamentos Desafiadores:* Estratégias são implementadas para lidar com comportamentos repetitivos, agressivos ou disruptivos, visando reduzir sua frequência e impacto.
- *Promover a Autonomia:* O objetivo é capacitar os indivíduos com TEA a desenvolverem habilidades que lhes permitam serem mais independentes no dia a dia, como cuidar de si mesmos e tomar decisões.
- *Intervenção Educacional:* Para crianças com TEA, um aspecto crucial é fornecer uma educação adaptada às suas necessidades, usando métodos e ambientes que favoreçam o aprendizado.

A Organização Pan-Americana de Saúde considera que as taxas de prevalência do TEA têm aumentado ao longo das últimas décadas, possivelmente devido a uma melhor detecção e diagnóstico. Segundo os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), a estimativa atual é que cerca de 1 em cada 54 crianças seja diagnosticada com TEA (OPAS, 2023).

A OPAS ressalta que o TEA é uma condição altamente heterogênea. Alguns indivíduos podem ter comprometimento significativo em suas habilidades de comunicação e interação social, enquanto outros podem ser altamente funcionais e ter um nível relativamente menor de dificuldades (OPAS, 2023).

O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2022) apresenta a tabela abaixo com exemplos dos níveis de gravidade dentro do espectro autista:

**Figura 3 – Níveis de gravidade para transtorno do Espectro do Autismo.**

| TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro do autismo (exemplos de nível de necessidades de suporte) |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nível de severidade                                                                                                | Comunicação social                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Comportamentos restritos e repetitivos                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Nível 3<br>"Exigindo suporte muito substancial"                                                                    | Déficits severos nas relações sociais verbais e não verbais<br><br>habilidades de comunicação causam graves prejuízos no funcionamento, iniciação muito limitada de interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais de outros. Por exemplo, uma pessoa com poucas palavras de fala inteligível que raramente inicia a interação e, quando o faz, faz abordagens incomuns para atender apenas às necessidades e responde apenas a abordagens sociais muito diretas.                      | Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem marcadamente no funcionamento em todas as esferas.<br><br>Grande aflição/dificuldade em mudar o foco ou a ação.                                                             |
| Nível 2<br>"Requer suporte substancial"                                                                            | Déficits acentuados nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; deficiências sociais aparentes mesmo com apoios; iniciação limitada de interações sociais; e respostas reduzidas ou anormais a aberturas sociais de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação é limitada a interesses especiais estreitos e que<br><br>estranha comunicação não verbal.                                                                                             | Inflexibilidade de comportamento, dificuldade em lidar com mudanças ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios para o observador casual e interferir no funcionamento em uma variedade de contextos. Angústia e/ou dificuldade em mudar o foco ou a ação. |
| Nível 1<br>"Requer suporte"                                                                                        | Sem apoios no lugar, déficits em comunicação causam deficiências perceptíveis. Dificuldade em iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou malsucedidas a aberturas sociais de outros. Pode parecer ter diminuído o interesse em interações sociais.<br><br>Por exemplo, uma pessoa que é capaz de falar frases completas e se engaja na comunicação, mas cuja conversa com os outros falha e cujas tentativas de fazer amigos são estranhas e geralmente malsucedidas. | A inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em alternar entre as atividades. Problemas de organização e planejamento dificultam a independência.                                                                                    |

Fonte: (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2022).

Os esforços de intervenção e tratamento se concentram em promover a qualidade de vida, a autonomia e o bem-estar das pessoas com TEA, respeitando suas necessidades individuais e valorizando suas contribuições para a sociedade (OPAS, 2023).

Este breve capítulo tem o condão de trazer à para a pesquisa conhecimentos sobre as condições do transtorno do espectro autista, para que possamos refinar o olhar para os desafios enfrentados pelas mães das crianças com autismo.

## 4 DESIGNANTROPOLOGIA E PRÁTICAS DE CUIDADO

### 4.1 Designantropologia

Gatt e Ingold (2013) defendem que a prototipação de futuros, com fundamento e objetivos, volta-se para esperanças e sonhos, diferenciando projetos de planos; um com a necessidade de antecipar os resultados e o outro, mais sutil, estimula a cocriação de trajetórias aspiracionais.

Ganha espaço uma exploração mais aberta e criativa de possibilidades futuras, alinhada com a ideia de construir um caminho baseado em anseios, desejos a partir das correspondências.

De acordo com Tunstall (2013) designantropologia é uma abordagem que responde como podem ser criados processos descolonizados de design relacionados a princípios que impactam favoravelmente: “(1) nos sistemas de valores humanos; (2) nos processos e artefatos de design para tornar os sistemas de valores tangíveis e (3) no alinhamento das experiências das pessoas com os valores que elas preferem - tudo sob condições de relações de poder desiguais” (op.cit, p.232-250).

Tunstall (2013) fala de um design que se envolve respeitosamente com as pessoas e seus valores e construções de ideias partindo da perspectiva dos mais vulneráveis. Nesta perspectiva, a autora considera valores de dignidade humana e experiências das pessoas, sobretudo das que são mais desamparadas pelo sistema.

Noronha, Farias e Portela (2022) mostram que os pensamentos que vão contra o colonialismo têm desempenhado um papel importante ao inspirar uma abordagem mais inclusiva e colaborativa no design, desafiando as estruturas tradicionais de poder e incentivando a incorporação de perspectivas diversas, especialmente das comunidades que são frequentemente marginalizadas.

Através das metodologias participativas, o design pode se tornar mais sensível às necessidades reais das pessoas e criar soluções impactantes (Noronha; Farias; Portela, 2022). O rompimento com abordagens autoritárias de criação permite que as vozes silenciadas dos vulneráveis sejam ouvidas, tendo por resultado soluções mais relevantes, contextualizadas e sensíveis às necessidades das pessoas (op.cit).

Neste contexto, a prototipação de futuros envolve a criação de planos que vão além dos projetos, permitindo a cocriação de possíveis trajetórias que incorporam esperanças e sonhos, com uma visão de luta social e transformação do *status quo*.

O designantropologia é um campo interdisciplinar em crescimento que une a análise cuidadosa e a expressão criativa voltada para o futuro, tendo como cerne do processo a busca por um diálogo ativo objetivando transformações na sociedade e no mundo (Anastassakis, 2016).

## 4.2 Cuidado e design para o cuidado

Zoboli (2003), explica que a palavra ‘cuidado’ vem do latim, “cura” – ou “mera” –, na forma mais antiga da palavra. Usava-se o vocábulo em situações de amor e amizade, demonstrando ações de inquietação, desvelo e preocupação pela pessoa querida ou por um objeto estimado. Zoboli (2003) acrescenta que a palavra cuidado tem também outra origem, “*cogitare*”, que é pensar, colocar atenção, demonstrar interesse, cogitar e tendo, assim, dois significados, ambos envolvendo a formação de vínculos e interações.

Bellacasa (2017) destaca que preocupação e cuidado têm origem em significados semelhantes, mas expressam coisas diferentes, sendo que a preocupação vai além do interesse e traz consigo emoções densas e as ideias de problemas e inquietações e, por sua vez, o cuidado possui conotações éticas e emocionais mais profundas e sensíveis, que se relacionam com o importar-se, incluindo um vínculo emocional de sensibilização às questões do contexto.

A preocupação nos faz prestar atenção e agir e o cuidado vai além, revelando compromisso emocional e a disposição de agir, sendo a preocupação uma espécie de planejamento da ação e o cuidado o compromisso e a atitude ética (Bellacasa, 2017).

Ingold (2016) aborda ‘o atender’ e defende que a observação, quando feita de maneira genuína e criteriosa, vai além da objetificação e envolve um firme compromisso de atender às pessoas e coisas. Para Ingold (2016) a observação é uma forma de estar presente e se envolver com o que está sendo observado, buscando interagir com as pessoas e coisas.

A observação autêntica é uma forma de colocar a atenção / voltar a atenção para alguém ou algo, sendo um ato de atendimento, cuidado e aprendizado que envolve empatia e sensibilidade.

Com base nas origens da palavra cuidado buscamos o conceito de *Design Care*, ou Design para o Cuidado, cujo foco é acolher, zelar e proporcionar bem-estar para o outro.

O design para o cuidado perpassa por um processo de acolhimento, dialogando com outros campos do conhecimento, combinando elementos próprios de cada uma das disciplinas projetando ideias novas. Para Cardoso (2012) o significado de um artefato – neste caso artefato social – é moldado por uma ideia preconcebida de como será sua experiência. Assim, o design como cuidado e para o cuidado envolve o projeto numa perspectiva de acolhimento.

O cuidado é uma expressão de atenção, consideração e responsabilidade em relação a outro. Quando um artefato social é criado, seja uma tradição, uma obra de arte ou mesmo uma norma cultural, o cuidado é muitas das vezes incorporado no processo de sua concepção e manutenção, posto que envolve preocupação com o bem-estar e o impacto que terão na sociedade.

Por sua vez, o acolhimento relaciona-se à ação de receber, aceitar e proporcionar um ambiente seguro e inclusivo para os indivíduos, contribuindo para que os artefatos sociais contribuam para uma sociedade inclusiva.

O acolhimento relaciona-se com a teoria de dádiva de Mauss (2003). Acolher refere-se à forma como alguém é recebido e tratado, geralmente em um ambiente de cuidado, na área da saúde, da educação, etc. O conceito de dádiva (Mauss, 2003) explora como as trocas sociais funcionam tendo como base o ato de dar, receber e retribuir, muitas vezes sem expectativa imediata de igual retorno. O ato de cuidar, por exemplo, pode ser considerado uma dádiva, fortalecendo laços e gerando certa obrigação moral de retribuição.

É essencial entender o cuidado de maneira prática, como um esforço concreto, com reconhecimento do trabalho árduo que o cuidar envolve e observando que ainda é subvalorizado e negligenciado (Bellacasa, 2017).

#### **4.3 Reconhecendo o cuidado como algo diferente do altruísmo e o cuidado e o trabalho de reprodução**

A ação altruísta envolve o ego de quem a pratica, estando motivada por sentimentos como pena, dó, compaixão, misericórdia, benevolência, etc. De acordo com Mattern (2018) devemos ter cautela para não confundir altruísmo e cuidado.

São sentimentos que diferenciam as pessoas: o que sente acredita estar em uma posição de vantagem sobre o outro. Mattern (2018) evidencia que as práticas de cuidado não podem ser sustentadas por uma concepção romantizada e egoísta.

A autora remete a esta e outras reflexões significativas, como a de que as mulheres pobres tiveram alto engajamento durante décadas no trabalho com famílias abastadas, cozinhando, cuidando das pessoas, lavando, limpando suas moradias, dispondo de pouco tempo para cuidar de si e dos seus.

Frisa-se aqui o quanto estas mulheres se dedicaram às famílias de seus patrões em troca de uma baixíssima remuneração, configurando um trabalho de reprodução, alienante.

O trabalho de reprodução desencoraja a luta contra a divisão do trabalho tradicional, fazendo com que as mulheres que contratam o trabalho doméstico de outras mulheres não pressionem os homens no compartilhamento das tarefas com elas (Federici, 2019). E o trabalho doméstico entra no rol das funções que possuem limites pouco definidos de onde começa e onde termina nosso trabalho.

Não apenas nos tornamos enfermeiras, empregadas domésticas, professoras, secretárias — todas as funções para as quais fomos treinadas dentro de casa —, mas estamos no mesmo tipo de relação que dificulta a nossa luta dentro de casa: isolamento, o fato de que a vida de outras pessoas depende de nós, a impossibilidade de enxergar onde começa o nosso trabalho e onde ele termina, onde nosso trabalho termina e onde começam nossos desejos. Levar um café para o seu chefe e conversar sobre os problemas conjugais dele faz parte do trabalho de secretária ou é um favor pessoal? (Federici, 2019, p.50).

Federici (2019) aborda a complexidade das funções desempenhadas por mulheres, muitas vezes sem um delineamento claro entre suas responsabilidades profissionais e pessoais. Historicamente, as mulheres foram direcionadas para papéis como enfermeiras, empregadas domésticas, professoras e secretárias, muitos dos quais foram moldados pela socialização dentro de casa. No entanto, essas funções não apenas têm implicações profissionais, mas também afetam profundamente a vida pessoal das mulheres.

Um tema recorrente é o desafio do isolamento que muitas mulheres enfrentam em suas posições. À medida que suas tarefas são intrinsecamente ligadas ao bem-estar de outras pessoas, seja cuidando de pacientes doentes, administrando uma

casa ou educando estudantes, elas frequentemente se veem em posições onde a dependência de seu trabalho é enorme. Essa dependência pode reforçar uma sensação de isolamento, pois as mulheres podem sentir que o peso de toda a responsabilidade repousa sobre seus ombros.

Além disso, a linha tênue entre o trabalho e os desejos pessoais é um desafio significativo. As fronteiras entre as horas dedicadas ao trabalho e o tempo destinado aos interesses pessoais muitas vezes se confundem. Isso pode levar a uma confusão sobre quando uma mulher está realmente "trabalhando" e quando ela deveria estar cuidando de suas próprias necessidades e aspirações (Federici, 2019).

O exemplo de levar um café para o chefe e se envolver em questões conjugais ilustra essa complexidade. Essa situação pode ser interpretada tanto como uma tarefa relacionada ao trabalho quanto como um favor pessoal. Essa ambiguidade ocorre porque as expectativas sobre o papel das mulheres muitas vezes extrapolam os limites tradicionais do que é considerado "trabalho profissional" e se estendem para o domínio do pessoal. O trabalho doméstico também é abordado como uma função que frequentemente carece de limites claros. A natureza contínua e muitas vezes invisível do trabalho doméstico torna difícil definir onde começa e termina a jornada de trabalho. Isso pode levar a um desgaste emocional e físico, uma vez que o trabalho doméstico frequentemente se estende para além das horas oficialmente designadas de trabalho (Federici, 2019).

Bellacasa (2017) defende que o interesse feminino e feminista pelo cuidado tem sido um elemento fundamental para trazer à tona a questão da desvalorização e invisibilidade associada ao *care*. Historicamente, muitas atividades relacionadas ao cuidado, como por exemplo cuidar de crianças, idosos, convalescentes, doentes e realizar tarefas domésticas têm sido atribuídas de modo predominante às mulheres e com frequência consideradas como de menor importância em comparação às outras atividades.

O movimento feminista desempenha papel crucial ao evidenciar como a desvalorização do cuidado manifesta o sexismo estrutural e destacou o cuidado com um bem essencial, no entanto desvalorizado e tornado invisível (Bellacasa, 2017).

É como se exercer as funções que o cuidado exige fosse algo corriqueiro, não ou tampouco despendesse tempo. Como no caso das mulheres que não trabalham fora de casa e que são frequentemente questionadas pela sociedade patriarcal sobre o porquê de se sentirem cansadas e/ou desgastadas emocional e mentalmente. Ou

como no caso das mães copesquisadoras, que não conseguem trabalhar fora de casa e nem em casa, pois precisam cuidar de seus filhos de modo integral, sem conseguir dar continuidade aos estudos ou poder buscar desenvolvimento profissional. São situações que envolvem o isolamento e a invisibilidade.

Ainda assim, mesmo com o enfrentamento destas ou outras situações de vulnerabilidade, o cuidar compreende um compromisso ético e político com quem é negligenciado ou sofre alguma vulnerabilidade (Bellacasa, 2017).

E mesmo sofrendo com as dificuldades no cuidar de si e dos outros, as mães da pesquisa continuam cuidando e necessitam do cuidado e do olhar das políticas públicas.

Bellacasa (2017) enfatiza que a pesquisa feminista oferece recursos interessantes para tratar problemas como a representação ético-política. Neste contexto destaca-se a relevância do cuidado, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Neste mesmo sentido, Ahmed (2018) convoca a romper com o que nos vincula com práticas sexistas através de conhecimentos e expansão do feminismo, para que cada mulher possa se conhecer, se reconhecer e compreender suas lutas.

Mattern (2018) ensina que o cuidado resulta do valor que tem o objeto ou o ser que se cuida. Assim, ao sentir compaixão por algo ou por alguém, se demonstra não reconhecer seu valor. Ou seja, o altruísmo por si só inviabiliza o cuidado. Ao cuidar do outro, reconhece-se o valor que o outro tem - eu não cuido do outro porque tenho dó do outro, cuido do outro porque o outro tem importância para mim. Desta mesma forma, para o desenvolvimento do autocuidado é necessário se reconhecer e perceber seu próprio valor.

Portanto, cuidar não é uma ação superficial, mas um compromisso profundo com pessoas que por algum motivo estão em condição de negligência, compreendendo uma abordagem ética e política para garantir que estas pessoas sejam atendidas e protegidas.

#### **4.4 O afeto e o afetar**

A participação afeta positivamente as mulheres, gerando transformações na sua forma de agir, pois uma mãe, em um estado de bem-estar, percebendo que é cuidada, transmite este mesmo bem-estar nos cuidados com os seus.

Enquanto copesquisadora percebo que além de a participação afetar positivamente as mulheres, me sinto afetada também. Não por simples desenvolvimento de empatia pelas mães copesquisadoras, vez que a empatia (Saadra, 1990) tem a ver com se colocar no lugar do outro, transmitindo a percepção de distanciamento, justamente por não se estar no lugar da outra pessoa e fazer um esforço de parecer estar lá ou tentar sentir como se lá estivesse.

Minha participação como copesquisadora me envolveu e me fez repensar nos meus próprios desafios como mãe e mulher, justamente porque me sinto afetada. Os momentos de conversas com as mães geram impactos em todas nós.

Com acesso a informações sobre seus direitos, saúde e cuidado, as mulheres se tornam menos propensas, por exemplo a se manter em relacionamentos abusivos, pois se sentem cuidadas, configurando-se a os espaços de diálogo e eventos criativos uma espécie de rede de apoio, contribuindo para uma sensível minoração de situações de violência doméstica. Os encontros não são uma terapia, mas são terapêuticos.

Neste sentido, Zandomeneghi *et al.* (2017) explicam que a vontade de aprender algo novo demanda um estado de afeto positivo, proporcionando a estas mulheres novas possibilidades.

Estas mulheres precisam de perspectivas para criar seus futuros, pois quando as filhas e os filhos passam da idade escolar, deixam de ter este lugar para encontro e o que se observa é que voltam a caminhar solitárias na estrada de insegurança e incertezas pois são escassas as políticas públicas que ofereçam centros-dia de referência com atividades para adultos com alto grau de comprometimento de TEA e DI e mais escassas ainda as políticas públicas que ofereçam às mulheres e mães de adultos com TEA e DI espaços para diálogo e cuidado.

A percepção da importância do trabalho multidisciplinar que tem sido desenvolvido no centro demonstra como a prática do cuidado é importante para a geração do bem-estar e de qualidade de vida destas mulheres.

## **5 DESIGNANTROPOLOGIA, GÊNERO E FEMINISMO**

Questionamentos sobre gênero têm sido recorrentes e mais que pertinentes em uma sociedade que se diz igualitária e avançada, mas que ao contrário ainda é permeada por práticas excludentes e violentas.

Resta demonstrada a responsabilidade dos designers e aqui se ressalta a função social do design no enfrentamento de questões sociais relevantes, tais como as referentes às desigualdades de gênero e à violência contra a mulher.

No caso em questão, o grupo de pessoas com problemas comuns são as mulheres e mães da comunidade escolar que enfrentam situações de violência.

### **5.1 As mães e mulheres da comunidade escolar**

Estas mulheres, quando os/as filhos/as estão fora do ambiente escolar, vivenciam situações difíceis em seu cotidiano, pois na maioria dos casos os maridos / companheiros / companheiras quando sabem da deficiência da criança e vivenciam as dificuldades, acabam abandonando a casa e a relação familiar, ficando a mulher responsável pela criação dos filhos. Além desta situação, há ainda os casos em que vivenciam situações de violência doméstica.

E vivem em situação de desamparo, zelam pelas/os filhos vivenciam uma rotina sem espaço para o cuidado consigo mesmas e sem a oportunidade de obter conhecimentos dos seus direitos.

Sentem-se sobrecarregadas com as tarefas diárias, preocupações e responsabilidades, desvalorizadas, solitárias e sem perspectivas. As mulheres e mães da pesquisa podem ser observadas como “corpos dóceis” (Foucault, 2014), submissas, que têm amplificadas as suas fragilidades à medida que se encontram isoladas com sua/s criança/s e/ou adolescente/s com necessidades especiais.

Assim, tem-se o somatório das condições de vulnerabilidades envolvendo os corpos de mães e crianças/ adolescentes, que se tornam vítimas de violência doméstica.

As mães que cuidam e que também precisam de cuidados representam um relevante desafio. Como exemplo, estas mulheres têm direito à saúde, porém a garantia destes direitos é mitigada em razão das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, pois as políticas públicas não alcançam todas as necessidades suas e de seus

filhos com necessidades especiais, no caso em questão, com TEA e/ou deficiência intelectual (DI).

A necessidade de serviços que promovam informações sobre cidadania, saúde física, emocional e psicológica é característica de grupos vulneráveis, como as mães referenciadas neste trabalho.

Este processo compreende as causas das questões norteadoras dos problemas identificados sobre os quais se busca intervir e como estes problemas geram a necessidade de soluções inovadoras, assim como o impacto que tais inovações terão nas transformações sociais envolvendo o acesso de informações sobre cidadania e enfrentamento às situações de violência doméstica.

As designers, através de ferramentas e tecnologias que envolvem os participantes, no caso as mulheres e mães do recorte da pesquisa, valorizaram aspectos relacionados à identidade e à valorização destas mulheres. Assim, processos participativos, democráticos contribuem para a valorização da cidadania (Lagares; Ribeiro, 2022).

A vulnerabilidade enfrentada pelas mulheres é uma realidade não só na comunidade escolar das mães em questão, mas da sociedade.

O compartilhamento de ideias e de vivências entre as participantes, mediadas por designer, tem como resultado a identificação dos problemas que são comuns à comunidade de mães das crianças com TEA e/ou DI, com busca por soluções que envolvam maior acesso a informações sobre cidadania, cuidado, bem-estar e qualidade de vida.

Neste contexto, a ênfase no diálogo com as participantes motiva a realização de eventos como exposições, eventos culturais e *workshops* sobre os direitos que lhes assistem: cuidados, saúde, direitos etc.

Com temáticas diferenciadas – a importância do autocuidado, educação e saúde, combate à pobreza menstrual, sexualidade e saúde, combate à violência doméstica, ansiedade, saúde emocional, saúde bucal, dentre outras que forem solicitadas pelas mulheres participantes – estes eventos concentraram-se em momentos com as mães na escola.

Buscou-se engajar as mães em rodas de conversa e diálogo e suas propostas acerca dos temas sobre: direitos, como enfrentar as situações de violência doméstica, como procurar ajuda, saúde e temáticas sobre as quais tenham mais necessidade e/ou interesse de conhecer, bem como sobre os tipos de eventos a serem realizados.

Os momentos de diálogo eram os que as mulheres tinham disponíveis, enquanto esperam as crianças e adolescentes que estão em aula, em um salão que nos dias de festas e comemorações escolares do centro é o auditório.

Elas ficavam acomodadas nesta sala, que tem disponível no ambiente sofá e cadeiras, ao lado uma mesa (carteira escolar) com uma garrafa de café para amenizar as pelo menos quatro horas de espera por turno, cinco dias por semana, e revigorar as conversas e desabafos que brotam nestes momentos.

Quando entrava alguém na sala a conversa parava e logo se transformava em algo descontraído para envolver ou mesmo fazer a presença externa perceber que não fora convidada a participar do assunto. Elas tinham segredos, faziam confissões sobre os finais de semana, amores correspondidos ou não, dificuldades e outros assuntos que só mesmo elas sabiam. Mas a conversa continuava – talvez não o assunto – e a nova pessoa participante da conversa logo era integrada e assim se sentia – estas mulheres vivem de zelar pelo outro e de tanto viverem a exclusão e sentirem seu peso não costumam reproduzir ações excludentes.

Perpassando sobre as dificuldades diárias, detalhes os quais elas encontram humor, mesmo em meio a situações complicadas, quando se tratava sobre a ‘escola de pais’ (que recebeu este nome, mas na verdade poderia se chamar ‘escola de mães’, já que são as mães que vão à escola) as mulheres participavam e continuavam participando, pois gostavam e gostam de poder se envolver escolhendo os assuntos que serão tratados e que têm curiosidade de conhecer.

As dificuldades enfrentadas eram aquelas mães que preferem se manter isoladas, faltando às quartas-feiras, não levando seus filhos pra escola, pra não participar da ‘escola de pais’.

A participação em um processo participativo envolveu as mães e mulheres de crianças e adolescentes com necessidades especiais, que ao receberem atenção e cuidado sentem-se valorizadas, renovadas para ampliar suas perspectivas de futuro.

## **5.2 Designantropologia, cuidado e o combate à violência contra a mulher**

Diariamente mulheres são vítimas de violência por parte dos companheiros, ex-companheiros, pais, irmãos, tios, etc. São situações de violência doméstica, que ainda mais agravadas pelo período da pandemia, em que mulheres buscam um socorro,

isso quando não foram fatalmente vitimadas, por não terem denunciado antes, devido ao medo de seus algozes.

Ao denunciarem, são orientadas a pedir para a justiça medidas protetivas por 90 (noventa) dias, como forma de buscarem algum alívio para o sofrimento vivenciado, pela dor da violência e da impunidade.

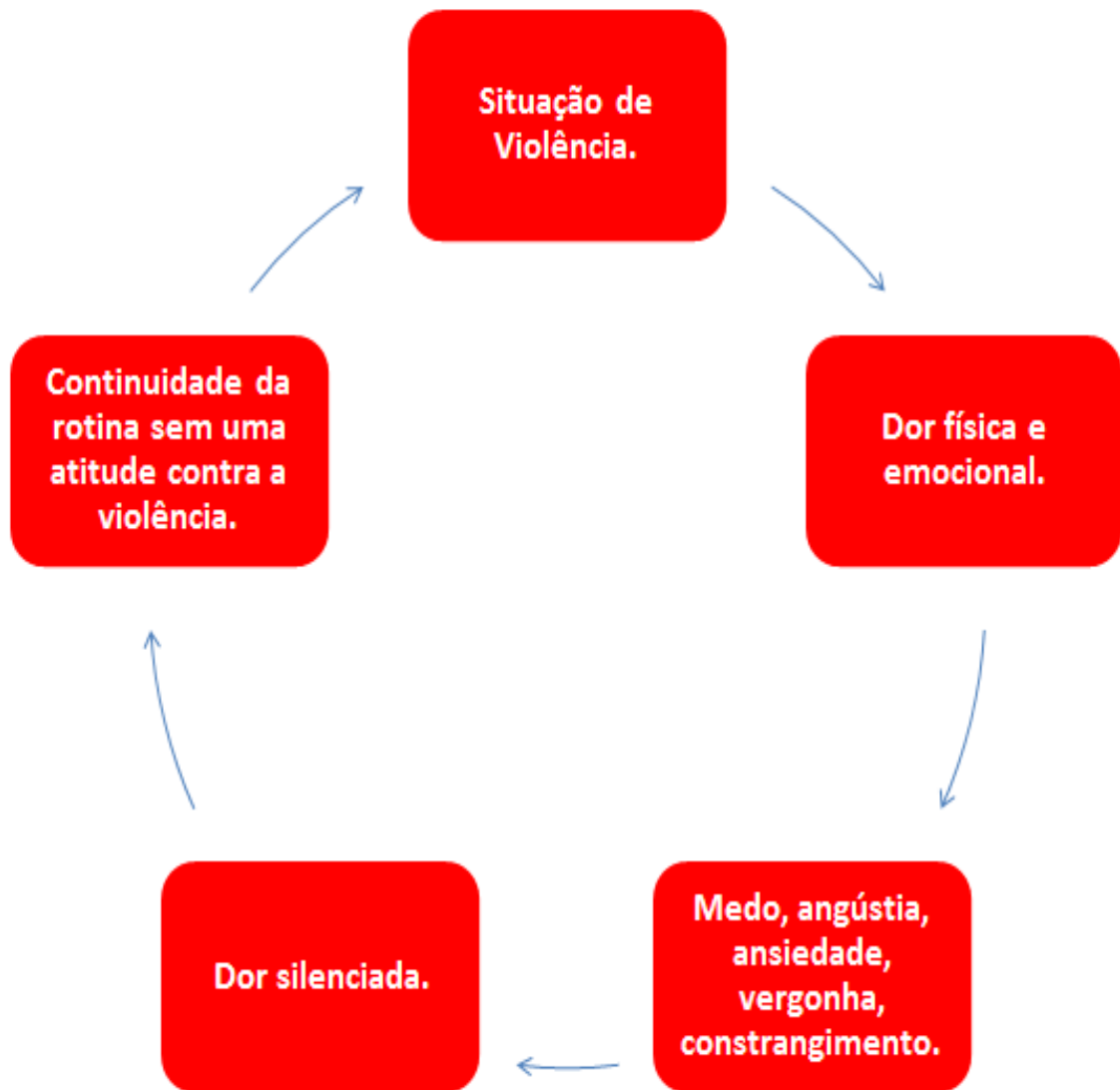
Em estágio de pós-graduação (residência jurídica) no Tribunal de Justiça, em uma das comarcas do Estado do Maranhão, pude observar os registros de processos, no período entre agosto e novembro de 2022, que mostravam aproximadamente 50 pedidos de Medidas Protetivas de Urgência feitos no período. Um quantitativo mínimo diante dos números nacionais de situações de violência contra a mulher, de acordo com o estudo realizado no site do TR4 (2023):

Batizado de "Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil", o estudo concluiu que cerca de 50 mil mulheres sofreram algum tipo de violência a cada dia no ano passado. A maior parte das ocorrências foi direcionada a mulheres pretas, cuja prevalência de algum tipo de violência ao longo da vida ficou em 48%, diante de 33% da população em geral. No grupo das mulheres com escolaridade até o ensino fundamental, essa taxa chegou a 49%, das mulheres com filhos, a 44,4%, das divorciadas, a 65,3%, e das que estão na faixa etária entre 25 e 34 anos, a 48,9%. A pesquisa apontou que um terço das mulheres brasileiras já sofreu algum episódio de violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida. Esse índice foi apurado pela primeira vez e é mais alto que o registrado globalmente (27%), em um levantamento feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021. Quando incluídas as violências psicológicas, o número de mulheres brasileiras que já sofreram episódios de violência sobe para 43%. (Pesquisa aponta aumento de violência contra a mulher no Brasil em 2022 e integrantes do Comitê de Equidade comentam os números, <https://www.trt4.jus.br>) Pesquisa aponta aumento de violência contra a mulher no Brasil em 2022 e integrantes do Comitê de Equidade comentam os números.

As mulheres dizem que as razões da não realização da denúncia, além do medo são o constrangimento e a vergonha de tratar de algo sobre o qual não se sentem à vontade para comentar e falar.

A seguir, a Figura 4 demonstra o ciclo percebido a partir das falas das mulheres vítimas da violência doméstica da comunidade referenciada neste artigo, composto por 5 (cinco) momentos: 1 – o momento da situação de violência vivenciada pela mulher; 2 – as dores (física/ emocional) vindas logo após a violência; 3 – o medo, a angústia, a ansiedade, a vergonha e o constrangimento; 4 – o silenciamento da dor por causa das emoções e sentimentos vivenciados na fase 3 (três) deste ciclo; 5 – a continuidade nas atividades cotidianas sem uma atitude contra a situação de violência sofrida, que acarretará na continuidade e na repetição deste ciclo, podendo culminar até em feminicídio.

**Figura 4** - Ciclo da Violência Doméstica.



Fonte: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

O design como prática de correspondência na comunidade escolar tem contribuído para abrir um espaço de diálogo entre mulheres, que envolvidas em eventos criativos podem desenvolver um novo olhar para suas vulnerabilidades e criar novas perspectivas que lhes sirvam como o incentivo necessário para expor suas dores sem medo e poder seguir em frente.

Designantropologia envolve trocas entre as participantes, que possibilitam a ampliação de suas vivências e interações, a partir de uma colaboração entre design e antropologia, com processos de reflexão e processos criativos (Halse, 2013).

Em um contexto de trocas de experiências, a intenção não é destacar a vulnerabilidade das demais mulheres, mas buscar um olhar voltado para o outro e para si, conforme, contribuindo para que as mulheres participantes se tornem cada vez mais conscientes umas das outras e de si mesmas (hooks, 2013).

E conforme as vivências são expressadas e compartilhadas são delineados momentos de cuidado, de cura, de pensamento em conjunto e de contribuição em que cada mulher sente-se à vontade para contar sua história, sem o receio de ser criticada, como se tivesse culpa da violência sofrida (Ahmed, 2018).

Neste sentido, com a contribuição do design, espera-se também romper o ciclo da violência doméstica descrito anteriormente, dando lugar a um ciclo do cuidado a partir de práticas de correspondência, utilizando a abordagem do designantropologia.

Observa-se que as três fases iniciais do rompimento do ciclo da violência doméstica coincidem com os três momentos iniciais do ciclo da violência doméstica. E espera-se que a quebra no ciclo da violência doméstica se dê com o processo de correspondência, de diálogo nos eventos criativos, em que são contadas as histórias de vida, sendo quebrado também o receio de buscar ajuda, passando-se para um novo momento, o que as mulheres buscam novas possibilidades.

**Figura 5** - Busca pelo rompimento do Ciclo da Violência Doméstica.



Fonte: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

O design como correspondência envolvendo o cuidado perpassa por um processo de acolhimento, dialogando com outros campos do conhecimento, combinando elementos próprios de cada uma das disciplinas projetando ideias novas.

## 6 CORRESPONDÊNCIAS EM CAMPO

Conforme Noronha (2018) é preciso que se estabeleça uma relação de confiança entre as pessoas que irão constituir o plano comum da pesquisa. Nas reflexões da autora, tal espaço não se caracteriza pela estabilidade, mas pelas tensões, conflitos, e o que emerge deste encontro é o possível para que os desejos das envolvidas possam coexistir e produzir uma comunidade. Neste sentido, este item destaca a construção da pesquisa em campo, inspirada pelas relações intersubjetivas e atencionais propostas por Ingold (2017). Rodas de diálogos configuraram-se como os espaços em que as participantes, de forma espontânea, conseguiram se expressar ao longo de nosso processo.

O trabalho com as mulheres teve sua primeira fase a partir da aproximação com o campo e a primeira visita em agosto de 2023 ao centro como copesquisadora foi para conversar com a gestão da escola, conforme registrado na Figura 1, apresentando a pesquisa, elucidando dúvidas, especialmente quanto à abordagem do designantropologia, que provocou curiosidade epistemológica na equipe da direção.

**Figura 6 - Primeira visita ao Centro e diálogo com a Gestão.**



Foto: Dante Oliveira Maia.

A segunda visita ocorreu na segunda quinzena de agosto de 2023, quando fiz nova visita ao centro, iniciando a observação participante e, em um ambiente descontraído de interação, conversei novamente com a gestão da escola e com algumas mães que estavam presentes. Apresentei o termo de consentimento livre e esclarecido, a temática da pesquisa e montamos o cronograma inicial de atividades tendo como balizadores os dias que as mães frequentam o centro bem como o calendário escolar.

Neste contexto, a gestão repassou que no dia anterior à minha visita ocorreu a comemoração do dia dos pais, com destaque para a presença das mães – chamadas pelas gestoras de ‘pães’ – e a completa ausência dos pais.

Todas as participantes deste segundo momento demonstraram interesse na pesquisa, pois acreditavam que meu mestrado ou era em educação, educação especial ou em direito, mas expliquei que o mestrado em design têm convergência com diferentes áreas, assim como tem com as minhas áreas de formação acadêmica.

Perguntaram sobre qual seria a abordagem e falei um pouco sobre o designantropologia e sobre a pesquisa-ação participante, destacando que as participantes também são copesquisadoras, já que participariam ativamente na pesquisa e que a construção das ideias e cocriações seriam feitas em conjunto, coletivamente, a partir dos diálogos e reflexões.

Outro fato que merece atenção foi o de que, enquanto explicava que a pesquisa trata sobre mães de crianças com TEA e com Deficiências Intelectuais, por diversas vezes minhas interlocutoras demonstravam preocupação em trazer a nomenclatura ‘família’. Sobre isso, cabem duas interpretações: uma de caráter religioso e outra relacionada ao conceito de família existente na Lei 10.406/2002, Código Civil, ao regulamentar que o termo ‘família’ trata também sobre as mães que criam sozinhas seus filhos.

As mães tiveram que sair para pegar o ônibus escolar que já se encontrava na porta da escola e assim finalizamos nosso segundo momento de correspondências.

A terceira visita ao Centro aconteceu no final de setembro de 2023, mas as mães não estavam presentes. Havia a apresentação de um ciclo de palestras alusivas à Semana da Pessoa com Deficiência, evento destinado aos funcionários do Centro, abordando neste dia a temática PCD e sexualidade, conforme as figuras 7, 8, 9, 10 e 11.

**Figura 7 - Terceira visita ao Centro - Formação de Servidores.**

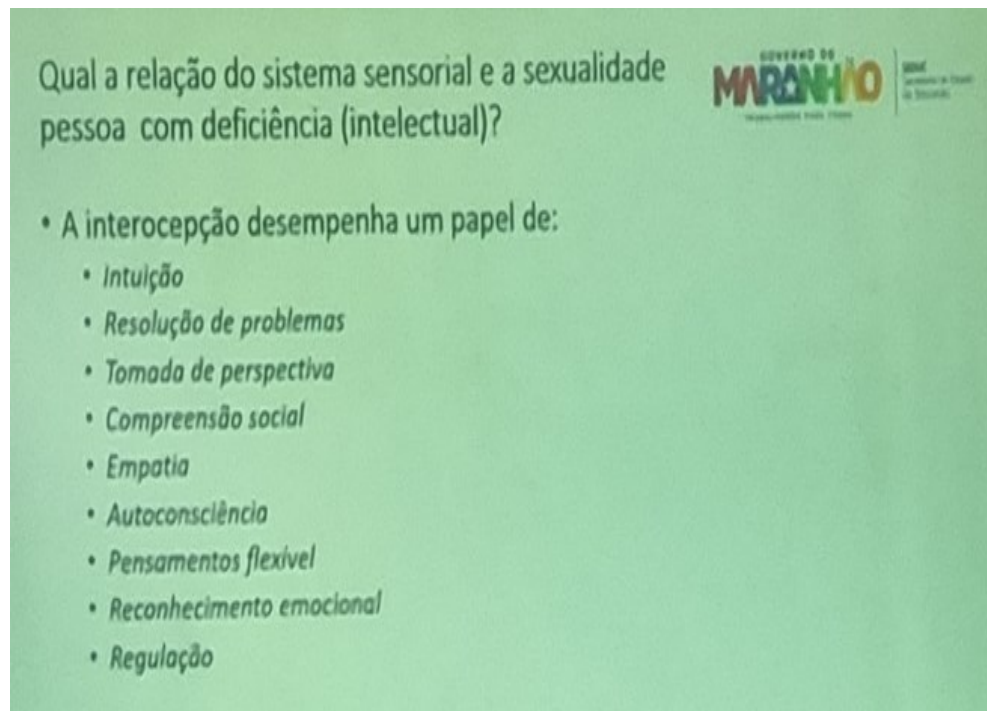


Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 8 - terceira visita ao Centro - Formação de Servidores.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 9 - terceira visita ao Centro - Formação de Servidores.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 10 - terceira visita ao Centro - Formação de Servidores.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 11 - Terceira visita ao Centro - Formação de Servidores.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

No quarto momento observei a curiosidade das participantes: elas queriam saber como seria a participação na pesquisa, se iriam responder a questionários e se precisariam falar da rotina de seus filhos. Elas estavam tão acostumadas a fazer relatos dos seus filhos, que quando foram colocadas como o foco, demoraram a se reconhecer neste lugar de importância.

Expliquei mais uma vez sobre a abordagem designantropologia, e a pesquisa-ação participante, especialmente pois o grupo estava praticamente completo; enfatizei o papel ativo que desempenhamos na pesquisa, contribuindo com perspectivas, reflexões, histórias de vida.

Destaquei que as ideias e cocriações são construídas coletivamente a partir do diálogo e da reflexão conjunta; conversamos sobre sonhos e perspectivas para um futuro, para até daqui a cinco anos. A delimitação do tempo foi ideia de uma das coparticipantes. Minha sugestão era de conversarmos sobre sonhos e perspectivas para o futuro, sem delimitar tempo, mas ela disse que seria interessante se pudéssemos estipular um prazo para esse sonho, pois como pra ela a rotina é bastante intensa - assim como para as outras mães coparticipantes - ela gostaria de tecer sonhos para um prazo nem muito curto e nem muito longo, algo como um médio prazo. E houve concordância entre os demais participantes.

Entreguei os termos de consentimento livre e esclarecido, repassei meus contatos, as mães assinaram e a partir daí iniciamos uma atividade para motivar mais participações: levei pratos, balões, palitos e uma lanterna para este momento de trocas e diálogos envolvendo os materiais, copesquisadoras, sonhos e projetos futuros para utilizar o material de acordo com as ideias envolvidas.

#### **Figura 12 - Registro de materiais utilizados no 4º encontro.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

Neste dia também tivemos a chegada na participação de um pai (não é uma mãe, mas é uma pessoa que cuida) e de forma cuidadosa e sensível refletimos sobre como poderíamos proceder com a chegada de uma figura masculina no grupo, bem como problematizamos quanto à presença de um cuidador do sexo masculino, mas este pai não participou de nenhum outro encontro (foi possível observar que o pai, apesar de ter aceito participar da pesquisa, tendo inclusive assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e do grupo de *whatsapp*, nos demais encontros se esquivou de participar, não ficava mais no *hall* de entrada da escola).

Com os materiais, a princípio escolhidos ao acaso, poderíamos buscar situações que envolvem luz, iluminar os caminhos, alimentar esperanças, encher os balões com sonhos e até mesmo furá-los em uma representação de quando se está muito cansada ou desesperançada.

Estes, isoladamente, não teriam sentido, mas somados às narrativas, compreenderam metáforas e contribuíram para uma associação enriquecedora entre as ideias que representam as possibilidades de utilização destes objetos com as ideias, atributos, aspirações, emoções e sensações de quem participava do encontro.

Todas as mães e o pai presentes encheram os balões com seus sopros de esperança e ficaram quietos, quis provocar o grupo, para incentivar mais participações (motivar diálogos), então sugeri que poderíamos usar os palitos para defender nossos sonhos.

E nenhum dos presentes utilizou os palitos para espetar os balões uns dos outros. Os semblantes dos cuidadores presentes transmitiam tranquilidade, cansaço,

uma certa falta de vontade de expor ou atacar o outro. Sem a intenção de intimidar e de modo cuidadoso questioneei sobre a quietude. E pouco a pouco algumas respostas começaram a ser verbalizadas:

- “Acho que você esperava que fôssemos furar o balão uns dos outros, mas estamos geralmente tão ocupadas buscando conseguir ajudar nossos filhos que não pensamos em atacar ninguém”;
- “A gente não conversa tanto umas com as outras, uns com os outros, mas a gente respeita muito as dores que enfrentamos por nossos filhos”;
- “Quero que tenhamos pelo menos nossos sonhos de buscar o melhor pros nossos filhos, é a única esperança”;
- “Aqui todo mundo sabe da luta de todo mundo”;
- “As coisas são tão difíceis muitas das vezes pra todas nós. Temos noção das dificuldades de cada um e de cada uma aqui. Assim como eu não quero que destruam meus sonhos, não quero destruir os sonhos de ninguém”.

As falas apresentadas obtiveram o apoio pelo olhar de cada pessoa presente naquele auditório, lágrimas no canto dos olhos, inclusive dos meus, pelo compartilhamento de valores de respeito e amor às outras pessoas, ali tão presente naquela manhã de correspondências.

Os balões representavam os sonhos e nenhum dos participantes deste momento tentou atacar os sonhos dos demais. Seria apenas uma atividade para motivar diálogos e teve um alcance enorme, pois as mães explanaram que todos os dias já precisam defender seus sonhos e enfrentar as dificuldades e por este motivo não querem atacar os sonhos de ninguém.

As mães que falaram “Acho que você esperava que fôssemos furar o balão uns dos outros, mas estamos geralmente tão ocupadas buscando conseguir ajudar nossos filhos que não pensamos em atacar ninguém” e “A gente não conversa tanto umas com as outras, uns com os outros, mas a gente respeita muito as dores que enfrentamos por nossos filhos” demonstraram o nível de cansaço e desgaste que vivenciam, além do respeito genuíno pelos sonhos e dores que cada uma carrega.

E expressaram também que se sentiram bem por participar de um momento em que puderam se expressar e por este momento ser no auditório, com ar condicionado para amenizar o calor. E delas falou: “Atualmente não temos mais

espaço com o sofá aqui no auditório, então ficamos lá fora, percebemos que não tem a preocupação se está muito quente e acabamos nos isolando, ficamos cada um com seu celular”

Chamou-me atenção o vocabulário utilizado pelas mães, com presença de palavras e termos com significados diferentes dos que são utilizados comumente, que para mim foram novidade. Quando falavam dos seus dependentes que estudam no centro, portanto pessoas com TEA, diziam que são atípicos e/ou neurodivergentes ou ainda neuroatípicos. Aquelas que têm mais filhos, que estudam em outros locais, os chamam de filhos típicos. As mães, ao falarem de si e de suas vivências, ações, falavam que são mães típicas exercendo maternidade atípica. Uma das mães disse que queria saber se também era atípica, outra disse que gostaria de investigar junto à equipe multidisciplinar (neurologista / psiquiatra e psicólogo). Portanto, por conta destas orientações das mães, utilizamos a partir deste encontro os termos ensinados pelas copesquisadoras.

**Figura 13 - Registro após realização de jogo / dinâmica envolvendo coparticipantes e materiais.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

Em novembro, no quinto encontro, realizamos um passeio pelo Centro. As mães no primeiro encontro haviam expressado que gostariam de ter um momento para conhecer as salas do centro. Pedi para a Direção uma liberação para levar as mães a conhecer as dependências e salas, posto que trabalhei na coordenação e conhecia os espaços para mostrá-los às mães. Então iniciamos pelo pela entrada em direção ao corredor do centro, descemos e subimos rampas, olhamos as salas das classes especiais e dos demais atendimentos realizados, passamos pelo refeitório e fomos todas para o “quintal do centro”. O mais importante, além de conhecer os espaços, foram os diálogos realizados, pois neste dia as mães estavam muito à vontade para conversar. A caminhada durante o passeio fez tão bem, que tivemos sugestões de que nos próximos encontros poderíamos combinar de ir com roupa de atividade física e fazer uma pequena caminhada na quadra do Centro. Em diálogos anteriores sobre cuidado e autocuidado as mães ressaltaram que seria interessante que tivéssemos algum momento de atividade como uma caminhada ou uma dança, utilizando os espaços do centro, como por exemplo a quadra, pois sentiam falta de

um tempo para cuidados com a saúde, comentaram que não haviam notado que poderiam aproveitar o tempo que ficam aguardando a saída das crianças / adolescentes.

Percebi que o movimento liberou muito de tensões e estresses que poderiam estar acumulados, de todas nós. Neste dia, em novembro, havia também um brechó acontecendo, para angariar fundos para a instituição.

Ficamos no auditório, estava formada uma agradável roda de conversa. Todas, mães, conversávamos. Senti a leveza da conversa e do querer aproveitar o momento de conversa. Neste dia abordamos sobre aplicativos, fé, convivência com as famílias, as mães trataram também dos aspectos do acolhimento às mães que gostariam que fossem melhorados no Centro.

As mães estavam muito participativas, mas uma colaboradora ao não entender o teor da pesquisa, como uma forma talvez de proteção, não sei se preocupada com a fala das mães interrompeu duas vezes o diálogo, sendo que na segunda vez pediu para que eu fosse para outro setor pois havia uma situação que gostaria que eu conhecesse e me levou para conversar com um colaborador novato, do sexo masculino. Fui para a sala dele, acompanhada da colaboradora e com a minha filha caçula, que pediu para ir comigo.

Chegando lá ela disse-me para sentarmos e aguardarmos a chegada do colaborador, pois ele tinha uma metodologia de trabalho muito boa, que as mães gostavam dele e seria importante para a minha pesquisa conhecê-lo.

Enfim, esperei com minha filha no colo e logo chegou o colaborador. Devia ser umas 11h45 da manhã e ele falou muito, falou de sua vida, onde mais trabalhava, que atendia muitas crianças, falou sua forma de trabalhar, até aí tudo bem, então começou tecer críticas a algumas ações das mães e bastante incomodada, com o tempo que havia perdido ouvindo aquele monólogo cansativo, sem propósito e totalmente impertinente, falei que já estava finalizado o meu tempo e que estava de saída. Mas ele ainda tinha algo pior para falar:

- Você sabia que se eu tivesse um filho com você seria mais branco do que essa sua filha?

E eu fiquei sem fala, perplexa, ele foi, no mínimo, desnecessário, sexista, racista e a manhã que tinha iniciado de modo tão leve finalizou com esse chamado estranho e conversa mais estranha ainda, pois o colaborador realizou uma abordagem inadequada, bastante semelhante ao que se conhece por assédio.

Assim acabou o último momento de correspondências do ano de 2023. Como consequência a roda de conversa acabou se desfazendo mais cedo. E em vez da leveza e alegria que sentia ao sair dos encontros com as mães, deixei o centro bastante contrariada pela interrupção da roda de conversa e pelo desconforto que senti.

Ressalto que em todos os demais momentos me senti bastante acolhida pela gestão da escola, bem como pela coordenação, não compreendi a motivação da quebra proposital do diálogo.

Mais tarde, uma das coparticipantes disse que também não havia compreendido o porquê da interrupção, que a conversa estava boa, tanto que quando saí as mães continuaram conversando, como que me esperando retornar e acabaram saindo quando seus filhos foram liberados.

**Figura 14 - Visita Guiada.**



Foto: Dante Oliveira Maia.

**Figura 15 - Visita Guiada.**



Foto: Dante Oliveira Maia.

**Figura 16 - Visita Guiada**



Foto: Dante Oliveira Maia.

**Figura 17 - Após a Visita Guiada fomos para o auditório do Centro.**



Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 18 - Roda de Conversa no 5º encontro de correspondências.**



Foto: Dante Oliveira Maia.

Após este encontro o Centro liberou os estudantes para o período de férias escolares. E em seguida pensamos formas de criar mais momentos criativos (ou eventos criativos) que fossem significativos para cada uma individualmente e para a coletividade das mães coparticipantes, com as atividades a seguir explicitadas:

| <b>Atividade Planejada</b>                                                                                                                                                                                                                                                                     | <b><i>Modus operandi</i> e/ou motivação para a realização da atividade</b>                                                                                                      |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Construção de quebra-cabeça com linha do tempo contendo as atividades diárias das mães (o que se relaciona diretamente também com as AVD's - atividades de vida diária - que são objetos de estudos e vivências dos seus filhos no âmbito do currículo adaptado trabalhado no Centro, como uma | Oficina realizada no Centro, com as mães, de forma que cada uma das coparticipantes possa representar através das peças do quebra-cabeça as atividades que integram sua rotina. |

|                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| disciplina do currículo, por exemplo, matemática e problemas envolvendo situações do cotidiano);                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Análise dos <i>Apps</i> mais utilizados pelas mães no celular;                                                                                                                                     | Através dos momentos de observação-participante realizados nos primeiros encontros, notei que as mães pouco conversavam entre si, utilizando-se do tempo livre enquanto aguardam seus filhos quando estão em momento de aula para acessar <i>apps</i> dos seus celulares, com Bíblias e mensagens para reflexão. |
| Utilização de impressões de móveis para a construção de possibilidades do que seria um espaço ideal para o acolhimento das mães durante o tempo em que aguardam seus filhos nas classes especiais; | Durante os primeiros encontros as mães reclamam, demonstrando insatisfação com o lugar destinado para aguardar seus filhos nos momentos de aula.                                                                                                                                                                 |
| Utilização de oráculos com reflexões sobre o autocuidado;                                                                                                                                          | Oficina para seleção de reflexões e mensagens que lhes tragam conforto, acolhimento e bem-estar.                                                                                                                                                                                                                 |
| Reflexões sobre fé, cuidado com o bem-estar dos filhos, solicitude, trabalho, direitos das pessoas com deficiência e de seus cuidadores;                                                           | São questões centrais para as mães da pesquisa, portanto, no planejamento foi um item que demanda diálogo em roda de conversa.                                                                                                                                                                                   |
| A realização de momento de expressão com telas e tintas;                                                                                                                                           | Uma das mães relatou nos primeiros encontros que faz pinturas em telas quando tem tempo livre, como forma de entretenimento e expressão de seus sentimentos. A oficina para expressão                                                                                                                            |

|                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                        | em telas foi pensada para motivar as mães a se expressarem também por meio das artes plásticas, como forma de aliviar o estresse da rotina de cuidados e ser um passatempo durante os momentos em que seus filhos estão no Centro. |
| Reflexão sobre os passatempos, atividades de entretenimento e momentos de autocuidado. | Caminhada na quadra, seguida de roda de conversa sobre possibilidades em autocuidado e possibilidades futuras.                                                                                                                     |

Busquei cartas de baralho cigano, tarô de Marselha, *cards* com mensagens bíblicas, com reflexões sobre *mindfulness*, vulnerabilidade emocional e cartas sobre proteção de crianças contra abusos. A ideia inicialmente seria levar estes materiais todos e observar quais chamariam mais a atenção das mães no processo de prototipação de possibilidades futuras.

**Figura 19** - Oráculo Feminista.



Fonte: Imagens do Google.

**Figura 20** – Oráculo Feminista.



Foto: Raquel Gomes Noronha.

**Figura 21** – Tarô de Marselha.



Foto: Dante Oliveira Maia.

**Figura 22** – Baralho Cigano.



Foto: Dante Oliveira Maia.

**Figura 23** – Cards Cards sobre *Mindfulness*.

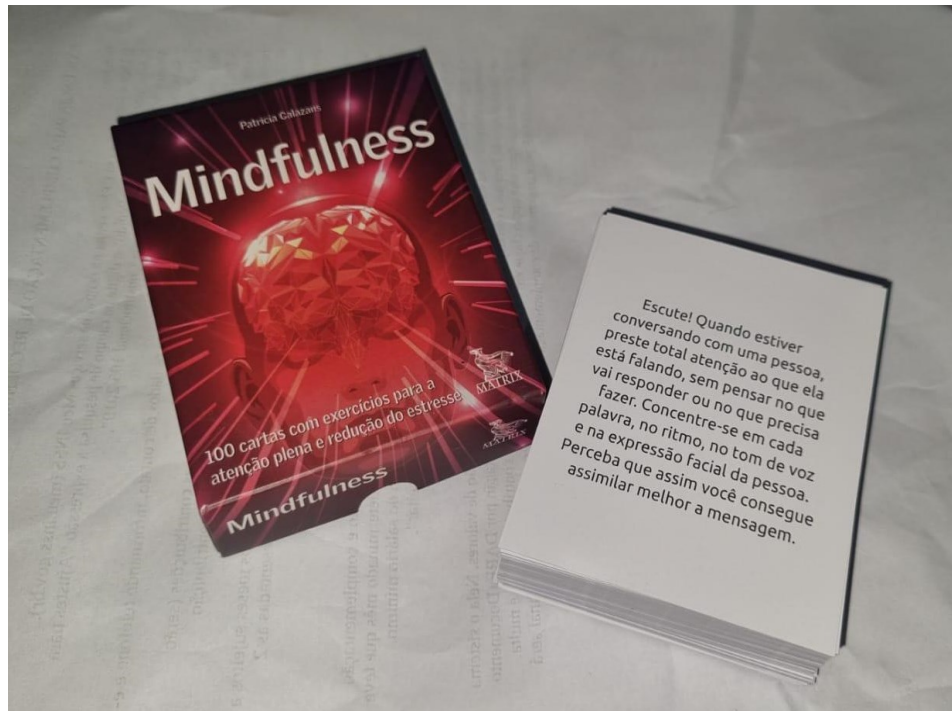


Foto: Dante Oliveira Maia.

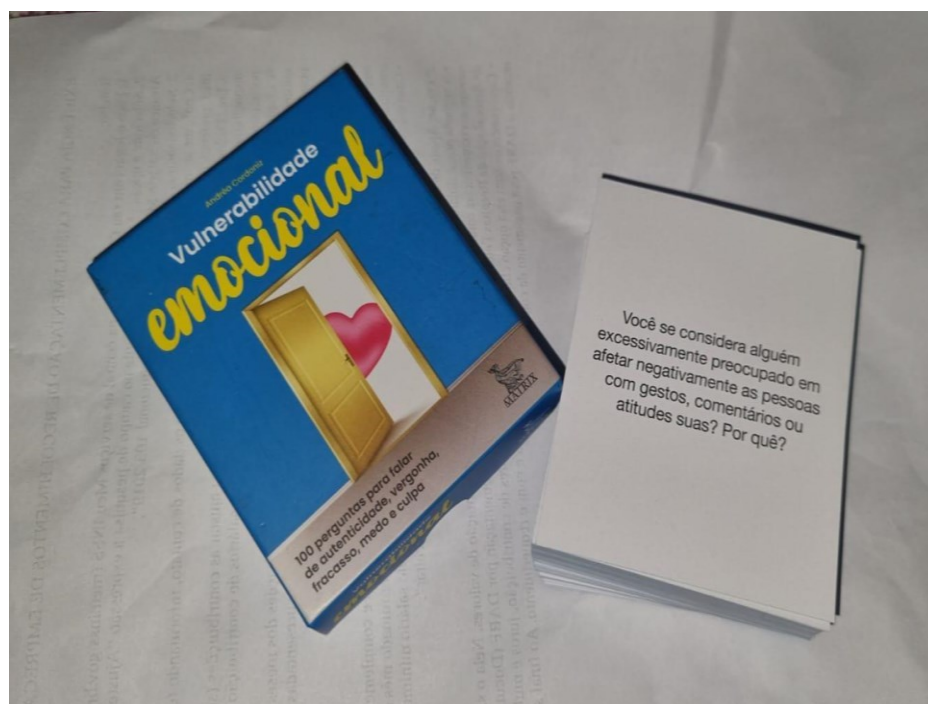
**Figura 24** – Cards sobre Vulnerabilidade Emocional.

Foto: Dante Oliveira Maia.

**Figura 25** – Cartões sobre Proteção de Crianças.



Foto: Dante Oliveira Maia.

As aulas no centro, finalizaram em dezembro de 2023 com previsão de retorno em 19 de fevereiro de 2024. A organização para o retorno às correspondências em campo foi feita, mas em fevereiro fui surpreendida com a notícia de que a sonhada reforma no centro iniciaria e que com isso o início das aulas seria prorrogado, com data indefinida para o real retorno.

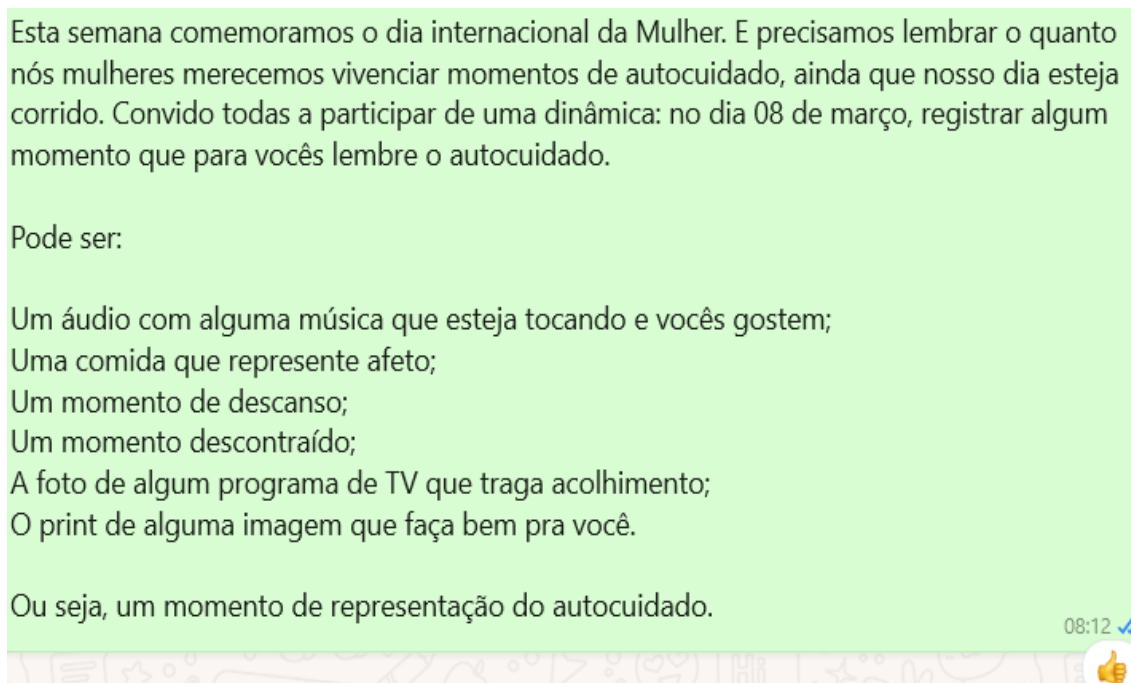
E iniciamos a comunicação de forma remota, via *WhatsApp*, já que as mães não se encontram no Centro com a reforma e nem na escola vizinha, pois as aulas das classes especiais estariam acontecendo apenas de forma remota também. E com atividades remotas as mães ficam sobrecarregadas tendo que ajudar seus filhos com as tarefas e cuidados de modo absoluto, integral e sem intervalos.

Então as atividades, previstas para serem realizadas de forma presencial, precisaram de adaptações para proporcionar encontros remotos. E um dos primeiros momentos de diálogo por aplicativo de comunicação foi uma enquete, para saber como as mães estavam se sentindo neste momento de reforma do Centro. Porém a primeira situação que observei foi a falta de tempo que elas têm até para responder a uma simples enquete, que demanda poucos cliques, demonstrando sua sobrecarga.

E a pergunta feita foi “Como você gostaria de ser acolhida(o) hoje?”, com várias opções de resposta, uma das quais até um pouco descontraída. De um total de 10 (dez) coparticipantes no grupo, 5 (cinco) responderam, incluindo-me nesta contagem. Eu e outras 3 (três) mães respondemos que gostaríamos de ser acolhidas com um momento de autocuidado. E 1 (uma) mãe respondeu que gostaria de ser acolhida com uma escuta atenciosa.

Na sequência, como estava na semana da mulher, propus uma atividade com a intenção de observar se conseguiríamos mais trocas no grupo, desta vez a partir de uma ideia um tanto quanto audaciosa de um convite a postar algum momento de autocuidado.

**Figura 26** - Atividade sugerida para a passagem do dia da mulher.



*Print: Alessandra Maria Silva Santos Maia.*

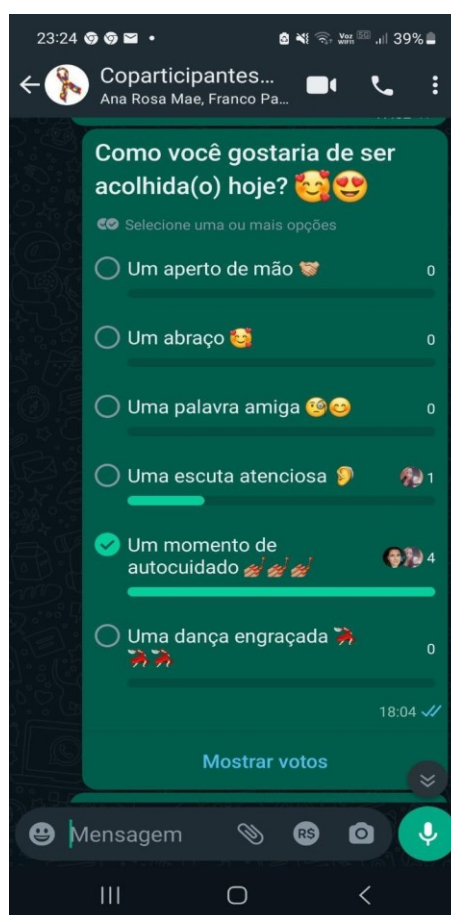
Entretanto, apenas 1 (uma) participante realizou a atividade e a evidência da mesma: a que escreve estes registros. Percebi que até houve intenção de participar, através de uma única reação do usual “joinha”, porém por meio desta ausência de respostas e participações ativas pude corroborar que as demais coparticipantes não conseguem socializar em grupo, o tempo livre que têm é disponibilizado para os cuidados de seus filhos.

Refleti que talvez pudesse ter oferecido mais possibilidades ou realizado uma sugestão de atividade diferente, mais convidativa.

Este pensamento se tornou recorrente durante os momentos remotos, pois durante os presenciais conseguia observar a resposta positiva das trocas com as coparticipantes a cada encontro que tivemos. E também pode ser que reflita o pensamento desta coparticipante, mãe de crianças típicas, também vivenciando meu trabalho invisibilizado diante da dificuldade que se impôs para a realização das pesquisas em campo de forma presencial.

Outra observação possível foi que duas atividades com a proposta de diálogo em um curto espaço de tempo representaram às mães um excesso. A partir daí compreendi que precisava oferecer um relativo lapso de tempo entre as abordagens.

**Figura 27** - Enquete 2 realizada com as coparticipantes.



*Print: Alessandra Maria Silva Santos Maia.*

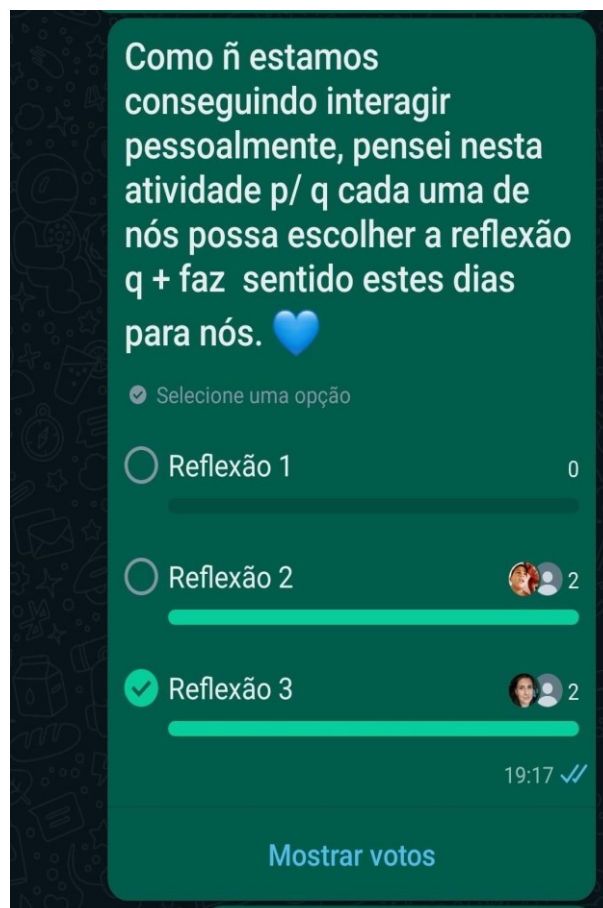
Uma semana depois, publiquei outra enquete (imagem 9, acima), desta vez com cartas de reflexão com foco em *mindfulness*, conforme imagem a seguir, e 4 (quatro) coparticipantes respondemos.

A enquete trazia reflexões e cada alternativa seria correspondente a uma carta de reflexão, como em um jogo bastante simples, porém pensado para que as coparticipantes pudessem interagir do modo mais fácil possível dentro do que o aplicativo *WhatsApp* oferece.

O corpo do texto trazia um convite para que elas pudessem escolher uma das 3 (três) reflexões que se seguiam. Os *cards* com as reflexões são do conjunto *Mindfulness* (Patrícia Calazans, 2017).

De 10 (dez) coparticipantes, 4 (quatro) respondemos a esta enquete, metade destas escolhendo a Reflexão 2 e metade escolhendo a Reflexão 3.

**Figura 28** - Enquete 2 realizada com as coparticipantes.



*Print: Alessandra Maria Silva Santos Maia.*

**Figura 29** – Reflexão da Enquete 2 realizada com as coparticipantes.

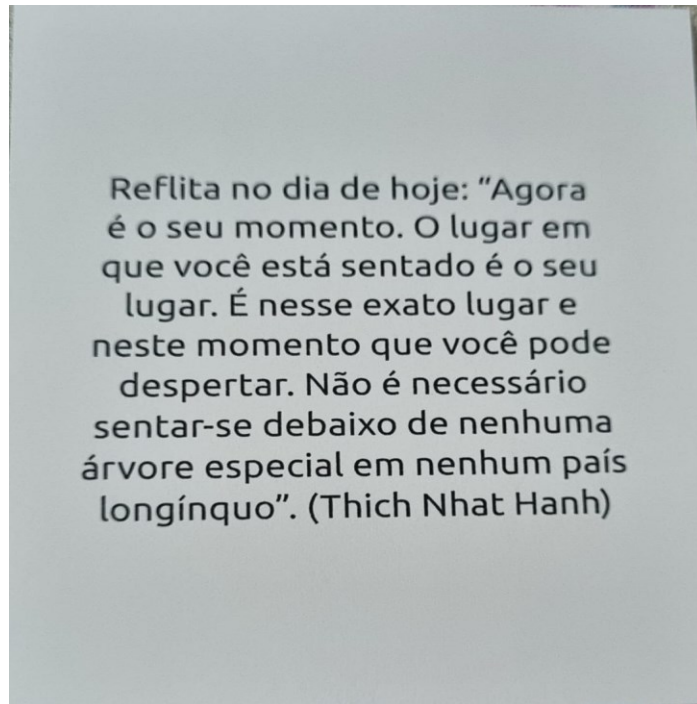


Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 30** – Reflexão da Enquete 2 realizada com as coparticipantes.

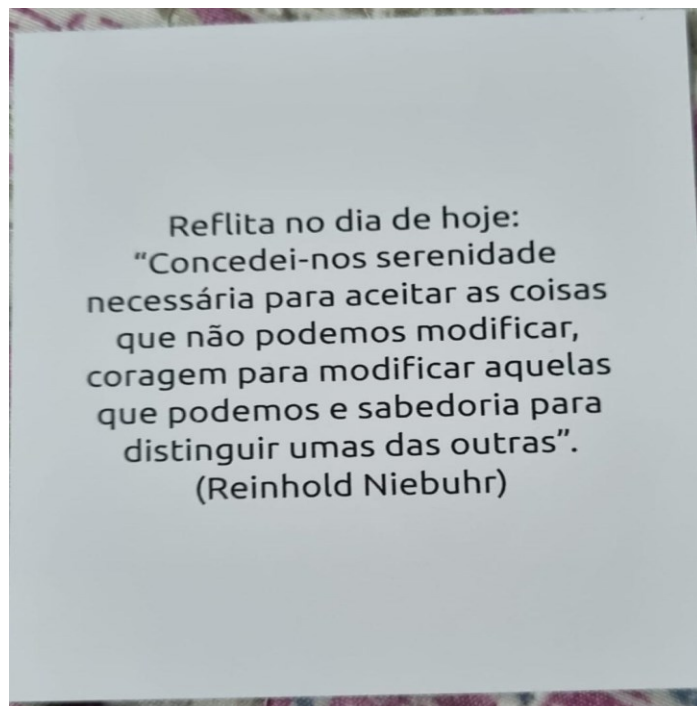


Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

**Figura 31** – Reflexão da Enquete 2 realizada com as coparticipantes.

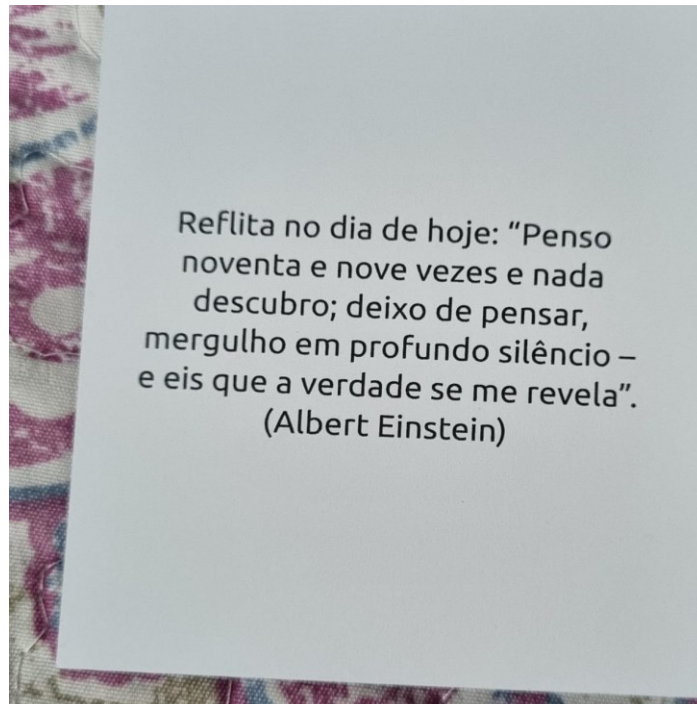


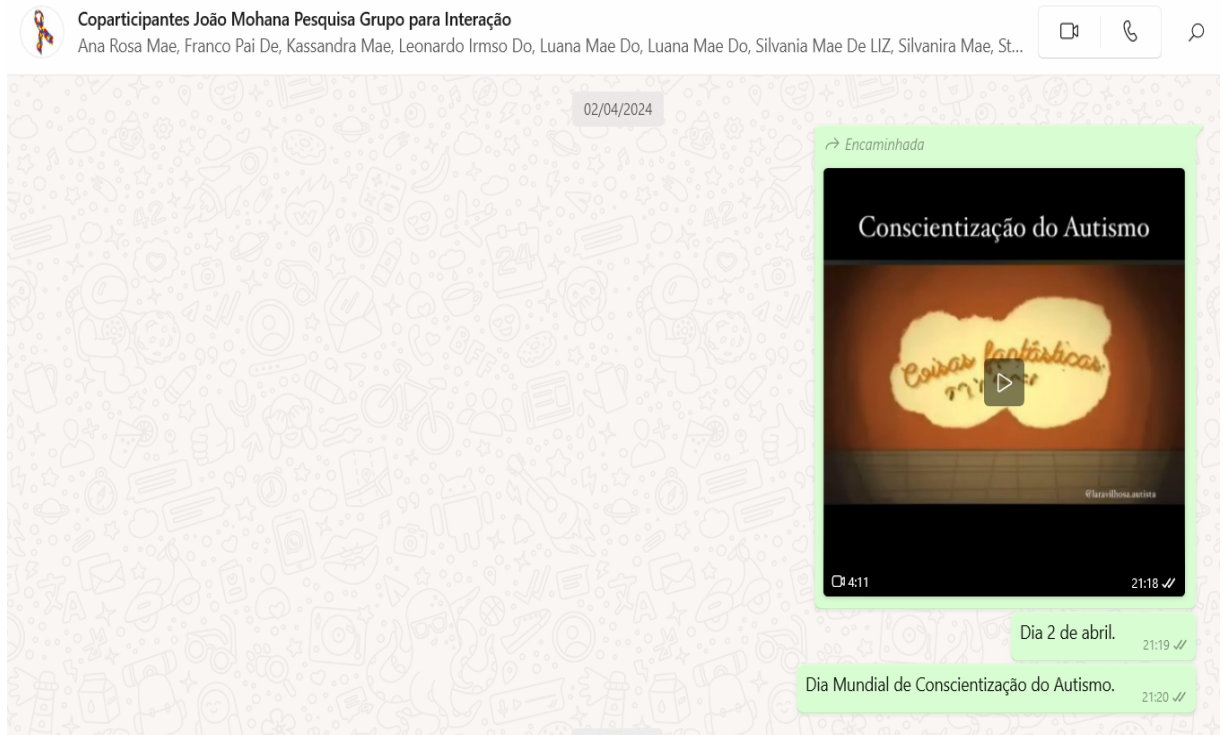
Foto: Alessandra Maria Silva Santos Maia.

Apesar da necessidade do contato para a realização da pesquisa, como na escola presencialmente nossos encontros em 2024 seriam semanais, não pude realizar outras atividades para não sobrecarregar ainda mais as mães da pesquisa, respeitando a frequência de contactar as mães semanalmente. Estas atividades foram realizadas em março de 2024.

Em abril, Mês de Conscientização do Autismo, enviei na primeira quinzena dois vídeos: um que trata sobre algumas situações que envolvem o TEA e outro relacionado ao Fenótipo Ampliado do Autismo ou Espectro Expandido. O *app WhatsApp*.

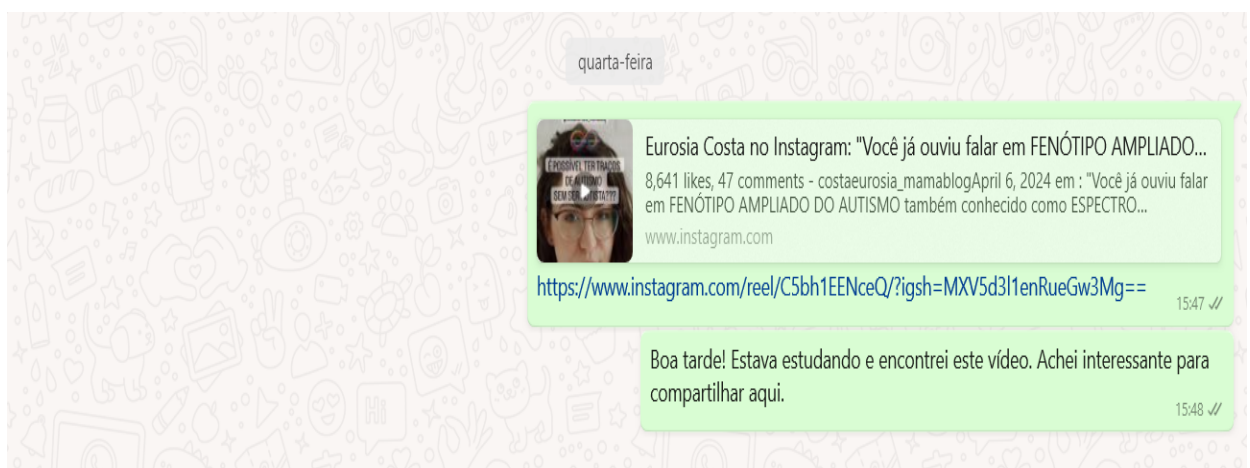
Foi possível observar nos dois vídeos que todas as coparticipantes realizaram o acesso aos vídeos, e é possível que tenham assistido.

**Figura 32** - Vídeo 1 enviado via *app WhatsApp*.



*Print: Alessandra Maria Silva Santos Maia.*

**Figura 33** - Vídeo 2 enviado via *app WhatsApp*.



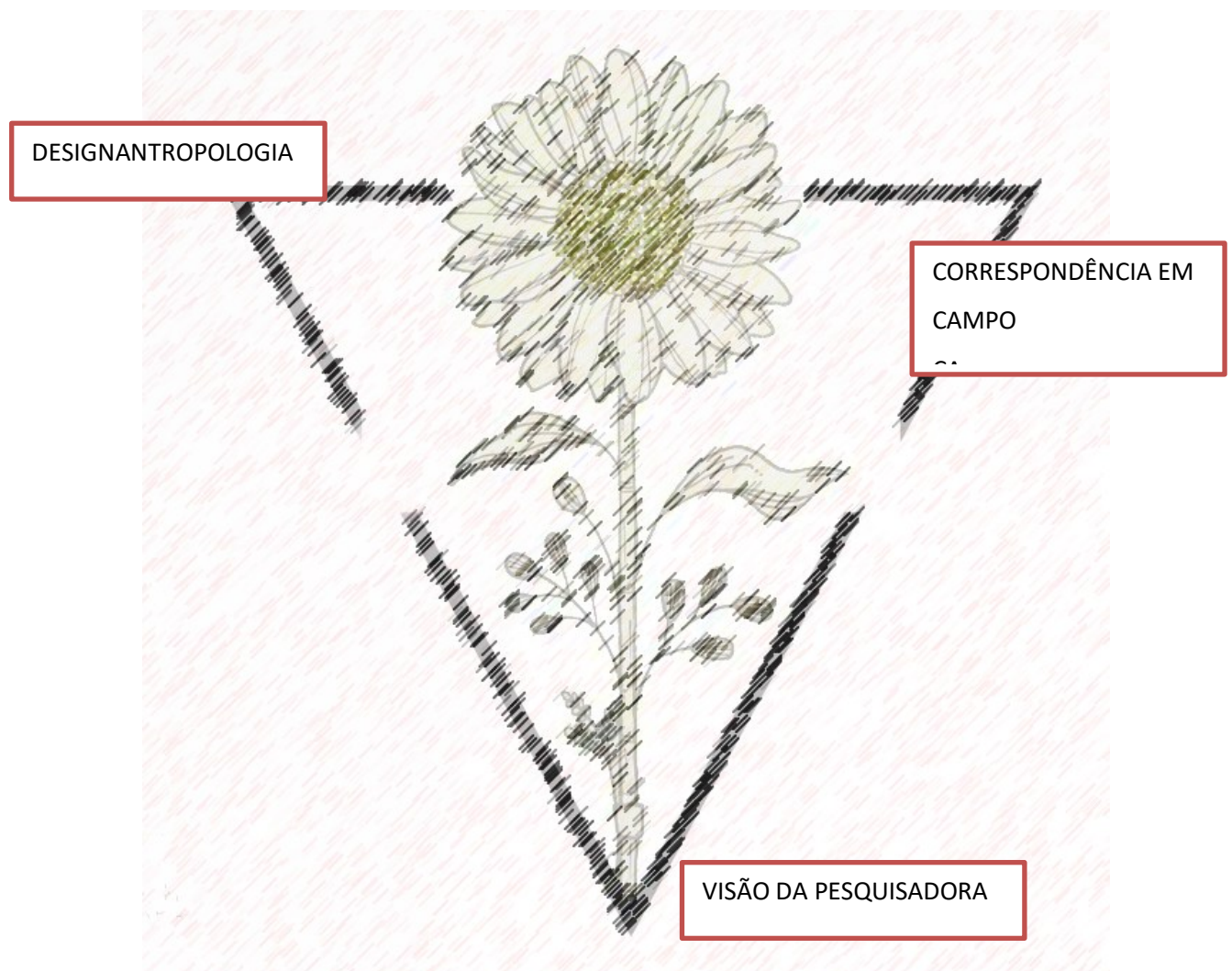
*Print: Alessandra Maria Silva Santos Maia.*

## 7 RESULTADOS E DEBATES

Este capítulo compreende análise e reflexão sobre a pesquisa através da triangulação dos dados (Minayo, 2010) para analisar de forma cuidadosa e delicada os aspectos que tratam das particularidades das coparticipantes.

Para Minayo (2010) a avaliação em triangulação se aplica quando se faz o estudo das percepções que as pessoas fazem sobre como vivem, constroem suas coisas, seus objetos / artefatos e constroem a si mesmas. E tratam-se das subjetividades das mães de crianças neurodivergentes que estudam nas classes especiais do centro de educação especial.

**Figura 34** - Representação da triangulação de dados.



Fonte: Dante Oliveira Maia.

Cada vértice do triângulo compreende um elemento específico da pesquisa:

- a) **Abordagem de designantropologia**, autoras e autores estudados;
- b) **Correspondências em campo**, com narrativas das coparticipantes;
- c) **Visão da pesquisadora**.

O triângulo que representa a triangulação de dados traz o girassol emergindo, posto que esta flor também é um símbolo do autismo - comparando a pessoa com TEA e suas cuidadoras / cuidadores a esta flor, pela busca sua busca constante e de seus familiares por desenvolvimento, assim como o girassol que se volta para a luz solar.

As correspondências em campo se deram em dois momentos: de encontros presenciais e de diálogos esparsos via *WhatsApp*.

Desde o primeiro momento de encontro com as demais coparticipantes vivenciamos uma relação de confiança e cumplicidade que é estabelecida por Noronha (2018) como aspecto fundamental em designantropologia. As mães sentiram-se à vontade, especialmente nos momentos presenciais, por terem um espaço de diálogo com outras mulheres mães de crianças atípicas.

O primeiro ponto de destaque das correspondências em encontros presenciais foram as falas das mães no que se refere aos seus sonhos:

“Acho que você esperava que fôssemos furar o balão uns dos outros, mas estamos geralmente tão ocupadas buscando conseguir ajudar nossos filhos que não pensamos em atacar ninguém”;

“A gente não conversa tanto umas com as outras, uns com os outros, mas a gente respeita muito as dores que enfrentamos por nossos filhos”;

“Quero que tenhamos pelo menos nossos sonhos de buscar o melhor pros nossos filhos, é a única esperança”;

“Aqui todo mundo sabe da luta de todo mundo”;

“As coisas são tão difíceis muitas das vezes pra todas nós. Temos noção das dificuldades de cada um e de cada uma aqui. Assim como eu não quero que destruam meus sonhos, não quero destruir os sonhos de ninguém”. (Narrativas das mães copesquisadoras).

A participação das mães durante um dos momentos de cocriação com as falas “Acho que você esperava que fôssemos furar o balão uns dos outros, mas estamos geralmente tão ocupadas buscando conseguir ajudar nossos filhos que não pensamos em atacar ninguém” e “Quero que tenhamos pelo menos nossos sonhos de buscar o melhor pros nossos filhos, é a única esperança” relaciona-se com a prototipação de futuros voltada para esperanças e sonhos proposta por Gatt e Ingold (2013).

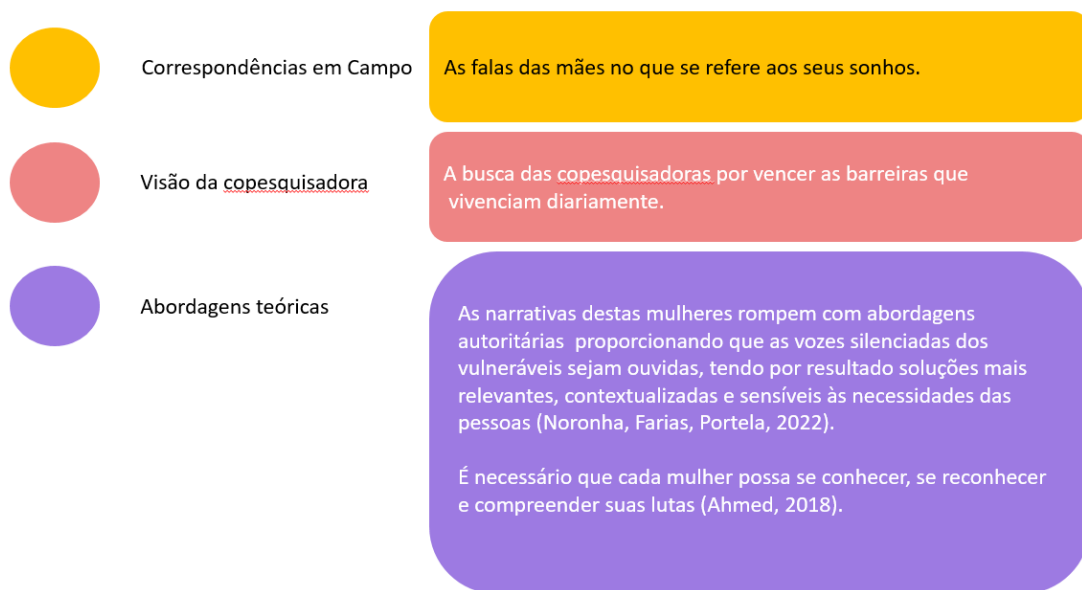
As narrativas destas mulheres rompem com abordagens autoritárias proporcionando que as vozes silenciadas dos vulneráveis sejam ouvidas, tendo por resultado soluções mais relevantes, contextualizadas e sensíveis às necessidades das pessoas (Noronha, Farias, Portela, 2022). Estas mulheres têm suas vozes silenciadas cotidianamente; elas vivenciam a luta por serem mães de crianças atípicas além das lutas por serem mulheres.

“A gente não conversa tanto umas com as outras, uns com os outros, mas a gente respeita muito as dores que enfrentamos por nossos filhos”; “Aqui todo mundo sabe da luta de todo mundo”. É necessário que cada mulher possa se conhecer, se reconhecer e compreender suas lutas (Ahmed, 2018). Em cada frase percebe-se o reconhecimento da própria dor e da dor da outra pessoa, elas tanto compreendem as lutas e dores umas das outras que apesar de não conversarem tanto, por não terem mais um espaço de diálogo possível, têm um profundo respeito mútuo.

Ainda, que se reúnam poucas vezes - apenas nas reuniões escolares e na escola de pais, que no dia a dia fiquem sentadas no *hall* de entrada do Centro, dispersas, com a atenção voltada mais para os seus celulares elas observam as situações umas das outras, bem como as dificuldades enfrentadas no momento de chegada e saída.

Observou-se, a partir do contexto das correspondências em campo, que a ocupação das mães de neurodivergentes para ajudar seus filhos faz com que a única busca seja por superar barreiras diárias. Falta espaço para qualquer outra coisa, inclusive o autocuidado.

**Figura 35 – Triangulação de dados 1.**



Fonte: Copesquisadora-autora.

O segundo destaque das correspondências em encontros presenciais compreendeu a fala de todas as coparticipantes sobre a falta de espaço para o tempo em que elas ficam aguardando suas crianças e adolescentes atípicas realizarem as atividades nas classes especiais, conforme pode ser observado nesta fala:

“Atualmente não temos mais espaço com o sofá aqui no auditório, então ficamos lá fora, percebemos que não tem a preocupação se está muito quente e acabamos nos isolando, ficamos cada um com seu celular” (Mãe, Coparticipante).

Aqui a mãe evidenciou que o pouco que tinham conquistado, o sofá no auditório, o ar condicionado ligado, um cafezinho com bolachas, foi retirado. As metodologias participativas em design ensinam que este se torne mais sensível às necessidades das pessoas para criar soluções que impactam nas suas realidades (Noronha, Farias, Portela, 2022).

Neste contexto, através da abordagem designantropologia buscou-se conhecer as necessidades das mães para buscar possibilidades que possam melhorar sua rotina de cuidados.

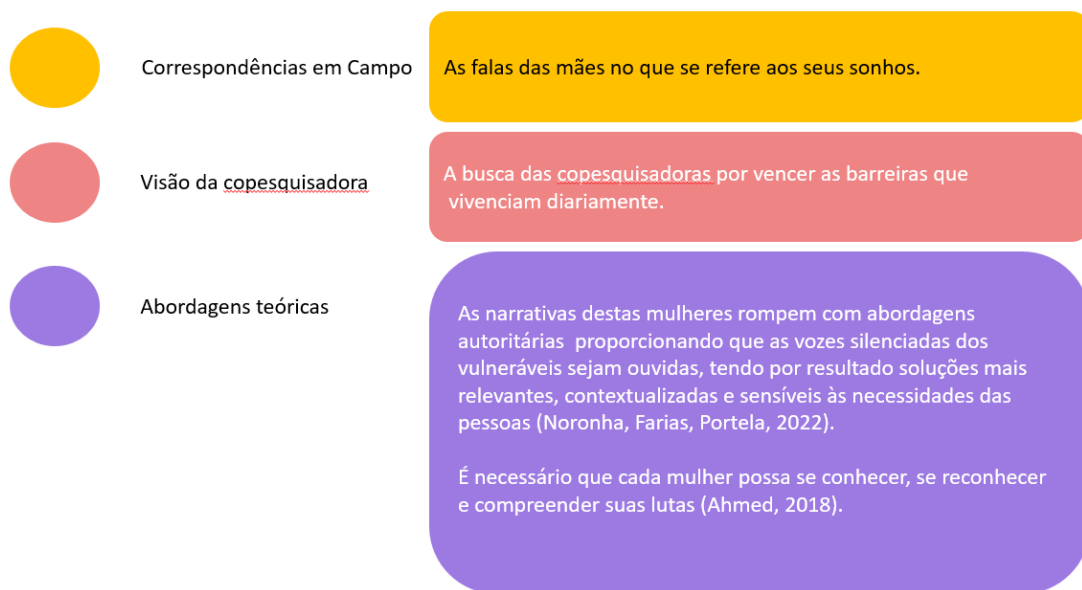
Preocupação e cuidado diferenciam-se: preocupação vai além do interesse e traz consigo emoções densas e as ideias de problemas e inquietações e, por sua vez, o cuidado possui conotações éticas e emocionais mais sutis, que se relacionam com o importar-se, incluindo um vínculo emocional de sensibilização às questões do contexto (Bellacasa, 2017).

A partir destas falas foi possível perceber a falta que faz um ambiente que seja destinado à espera e que proporcione a proximidade necessária para que as mães dialoguem entre si e possam vivenciar momentos de trocas e de cuidado umas com as outras.

Quando a coparticipante falou que não há preocupação se o ambiente está muito quente, revelou ainda que a coletividade das mães sente falta do cuidado com o ambiente em que ficam aguardando seus filhos.

Neste contexto, quem poderia suprir estas necessidades: o poder público, a gestão da escola, etc. Falta alguém habilitado para organizar este espaço, que tenha esta percepção, visto que as mães fazem parte do processo.

Não se consegue cuidar integralmente das crianças sem considerar os problemas familiares das cuidadoras, especialmente das mães. E a função social da designer no contexto escolar faz-se necessária para adequar o espaço às reais necessidades das pessoas envolvidas.

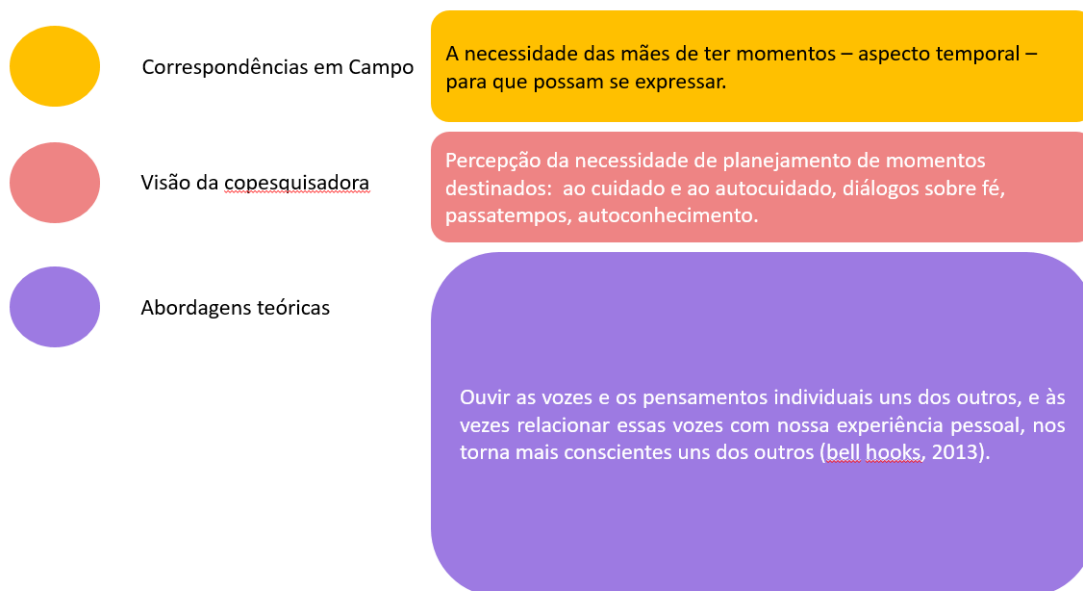
**Figura 36 – Triangulação de dados 2.**

Fonte: Copesquisadora-autora.

A terceira questão de relevância para este momento foi a vontade das mães de compartilhar mais momentos umas com as outras a partir do trecho do capítulo das correspondências em campo: pensamos formas de criar mais momentos criativos.

Quando tratamos sobre estas possibilidades, as coparticipantes demonstraram interesse em sugerir ideias de atividades envolvendo autocuidado que poderíamos fazer nos próximos encontros: caminhada, *skin care*, pintura em telas, leitura de trechos dos seus aplicativos relacionados a fé, jogo de cartas etc.

**Figura 37 – Triangulação de dados 3.**



Fonte: Copesquisadora-autora.

E após a prototipação de ideias para serem colocadas em prática no início do ano seguinte, a escola acabou não retomando as atividades, entrou em reforma, não conseguimos realizar encontros presenciais em 2024, sentimos o cerco fechar, e a opção que visualizei foi via *WhatsApp*.

Porém a primeira situação que observei foi a falta de tempo que elas têm até para responder a uma simples enquete, que demanda poucos cliques, demonstrando sua sobrecarga.

Ficou evidente a falta de um tempo até para dialogar com as outras mães. Quando perguntava sobre retorno das atividades das classes especiais, observava que recebia mais respostas, com mais celeridade, mas quando enviava enquetes que poderiam ser respondidas de forma rápida, mas que eram sobre elas mesmas, já não respondiam.

Com a sobrecarga das tarefas diárias, as mães não conseguem tempo para outros afazeres que não sejam referentes às suas responsabilidades, as mulheres e mães da pesquisa relacionam-se ao conceito de “corpos dóceis”, de Foucault (2014), e têm amplificadas as suas fragilidades à medida que se encontram isoladas com sua/s criança/s e/ou adolescente/s neurodivergentes.

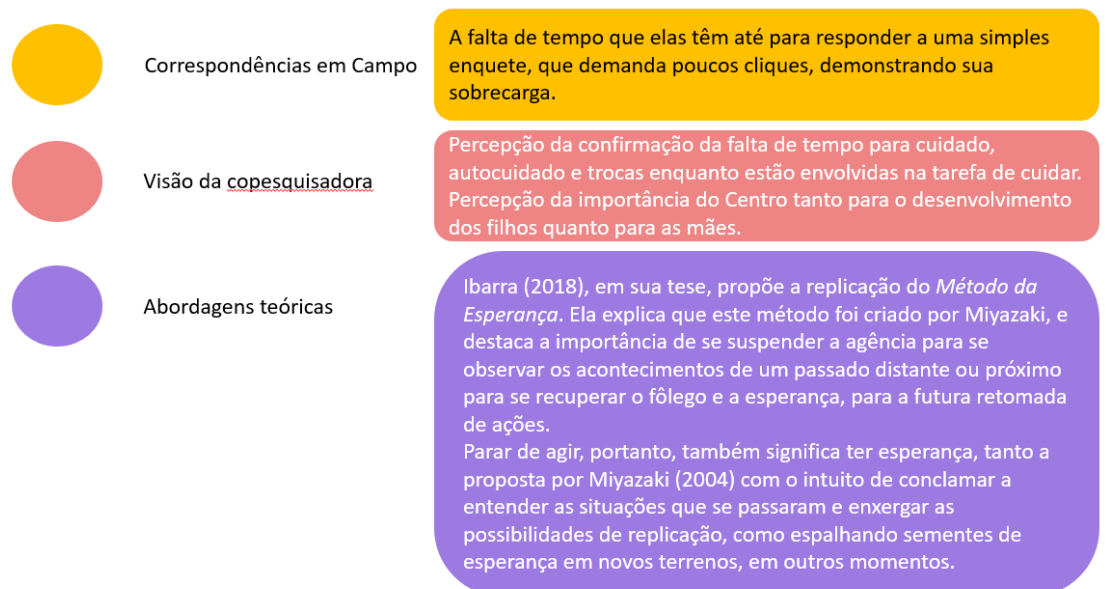
Através da abordagem de designantropologia a proposta de uma micropolítica, de cuidado e autocuidado, encontrou como barreiras a distância e a sobrecarga física / emocional.

Meu sentimento de não poder ultrapassar estes obstáculos pode se assemelhar ao sentimento das demais coparticipantes por não conseguir tempo / disposição para o cuidado e para o autocuidado.

Conforme ensina bell hooks (2013) “ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros”. Neste sentido, o pretendido não foi apontar a vulnerabilidade na qual o outro se encontra, mas buscar um olhar voltado para o outro e para si.

O sentimento de impotência tomou conta de mim, tentava buscar alternativas que pudessem ser atrativas para as mães, mas não adiantaria, pois por mais que me esmerasse em busca de tentar transformar o diálogo remoto em algo interessante para elas, esbarrava sempre na sobrecarga delas, devido à sua rotina de cuidados, consultas e outros tantos afazeres domésticos. Senti também que se tentasse mais, estaria junto com o sistema contribuindo para ampliar ainda mais sua sobrecarga.

**Figura 38 – Triangulação de dados 4.**



Fonte: Copesquisadora-autora.

O questionamento veio à tona posto que as atividades precisam ser essencialmente interdisciplinares através das correspondências, que são relações entre sujeitos quando produzem materialidade e coisas (Noronha, 2021).

A partir das falas e reflexões destacadas, observei que as inquietações das coparticipantes dialogavam continuamente com as questões da pesquisa.

As falas das mães refletiam seus anseios e quando estavam reunidas puderam refletir seus princípios e se encontrar frente às experiências de cada coparticipante.

O sentimento de impotência quando o cerco de possibilidades de correspondências presenciais se fechou e quando percebi que as mães apenas têm tempo para si e para outras pessoas, para um simples diálogo, quando / enquanto seus filhos estavam no Centro.

A abordagem designantropologia compreende a possibilidade de processos disruptivos de design, impacta nas vivências das pessoas participantes e na aspiração por valores que consideram relevantes (Tunstall, 2013).

Partimos de ideias, falas, narrativas, reflexões e coisas das coparticipantes - pessoas vulnerabilizadas - nas correspondências em campo, em uma abordagem que de forma cuidadosa, respeitosa, ética, com valorização da dignidade humana, para prototipar possibilidades.

Esperanças e sonhos estimulam a cocriação de trajetórias aspiracionais (Gatt, Ingold, 2013) e pudemos ver isso acontecer observando as falas das mães coparticipantes.

E cabe neste momento fazer o paralelo entre as correspondências em campo presencial e as de forma remota via *WhatsApp*.

Como coparticipante, senti-me preocupada e com necessidade de cuidar das mães, já que nas correspondências em campo presenciais elas demonstraram ter se sentido tão acolhidas, como resultado das micropolíticas que podem ser proporcionadas pela abordagem em designantropologia, como a tomada de consciência de que é importante para elas falar sobre o autocuidado, pensar e planejar momentos de autocuidado, como quando foi sugerida a caminhada nos dias de correspondências.

A macropolítica acabou empurrando as mulheres para a vulnerabilidade, seja pela ocorrência das obras na escola, impedindo os encontros presenciais e as aulas de seus filhos, seja quando elas podiam ficar no auditório com algum conforto - ar

condicionado, sofá, café, bolachas e água - e retiraram o sofá, oferecendo às mães as cadeiras e carteiras no *hall* de entrada da escola.

A preocupação e a necessidade de cuidar que senti aqui, tiveram os sentidos contextualizados por Bellacasa (2017), configurando-se a primeira como uma forma de planejamento da ação e a segunda como o compromisso e a atitude ética da relação firmada pela pesquisa ação participativa.

E então pensei em atividades através de enquetes para realizar com as mães, para que utilizando pouco tempo da rotina diária / semanal, elas conseguissem responder e participar.

Houve preocupação e cuidado, ainda conforme Bellacasa (2017), quanto à busca por estimular mulheres que não têm nem tempo para cuidar de si e foi inevitável refletir e questionar sobre questões relacionadas ao tempo da pesquisa em um design participativo.

Eu não poderia tentar transpor as barreiras que surgiram, caso contrário estaria reproduzindo o mesmo que o sistema faz com as mães: sobrecarregando-as mais e mais.

Não seria ético ignorar as vozes por trás da ausência de participação, gritando um tempo para si e para não participar de mais atividades além das que são integralmente responsáveis, que são referentes aos cuidados com seus dependentes.

As funções desempenhadas por mulheres, tão complexas, muitas vezes sem um delineamento claro entre suas responsabilidades (Federici 2019), cuidando da casa, da prole, gerenciando a renda da família, etc.

E vieram à tona questionamentos sobre o tempo, o tempo das mães, o tempo da pesquisa e o design participativo. É legítima a reflexão: designantropologia é uma abordagem participativa de design e importa observar o tempo das coparticipantes da pesquisa.

Designantropologia não compreende a simples combinação de duas disciplinas - design e antropologia: relaciona aspectos das duas e oferece uma perspectiva que contribui para recontextualizar e reintegrar subjetividades em cenários contemporâneos complexos (Izídio, Farias, Noronha, 2022).

Dentro destes cenários complexos fez-se necessário observar as subjetividades de todas as participantes, detalhes das situações, especificidades dos espaços.

**Figura 39** – Gráfico com reflexões.



Fonte: Copesquisadora-autora.

O cerco fechou, a macropolítica, com a obra da reforma da escola, foi um obstáculo para o tempo e o espaço da pesquisa. E observando as barreiras para a participação das mães decidi que não poderia invadir os seus espaços e tempos, mesmo que isso significasse a aceitação de uma sensação de impotência, pois eu não tinha mais como agir.

E parar de agir neste caso, para além de envolver questões de cunho ético, foi crucial para obtermos a resposta para a pergunta da pesquisa, que conheceremos a seguir no capítulo dedicado às considerações finais.

Hernández (2018), em sua tese, propõe a replicação do *Método da Esperança*. Ela explica que este método foi criado por Miyazaki, e destaca a importância de se suspender a agência para se observar os acontecimentos de um passado distante ou próximo para se recuperar o fôlego e a esperança, para a futura retomada de ações.

Parar de agir, portanto, também significa ter esperança, tanto a proposta por Miyazaki (2004) com o intuito de conclamar a entender as situações que se passaram

e enxergar as possibilidades de replicação, como espalhando sementes de esperança em novos terrenos, em outros momentos.

(...) a esperança como método não se baseia num impulso para procurar sincronicidade analítica, mas num esforço para herdar e replicar esse impulso como uma centelha de esperança noutro terreno. (...).

Minha virada para a esperança é um afastamento do esforço agora em voga de buscar “novos” temas para investigação etnográfica. A esperança é, em certo sentido, um tema novo para a antropologia, mas não abordo a esperança como um assunto (...). (...) a esperança é um método. Como método, a esperança não é nova, porque está latente em todos os empreendimentos acadêmicos. (MIYAZAKI, 2004, p.31); (TRADUÇÃO NOSSA).

A proposta feita por Hernández (2018) aponta para possibilidades futuras após um momento necessário de pausa. Pode-se dizer que é um momento de pausa que antecede cocriações de futuros possíveis também para os estudos de possibilidades para as mães em vulnerabilidade.

Essa pausa, pode significar também um tempo em que é preciso silenciar para em seguida buscar esperança e retornar à agência.

Paulo Freire, que também tratou sobre esperança, a partir de uma perspectiva que alia à esperança o agir, o parar sem desistir, ensina-nos a ESPERANÇAR:

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE, 1992, p.110-111).

Então, como esperançar? Esperançar pode ser retomar esta pesquisa em um outro momento, motivar outras pesquisas, dialogar com gestores públicos sobre as possibilidades para as mães do Centro e de outros locais de atendimento de crianças

e adolescentes com deficiências, ou, simplesmente, realizar uma roda de conversa informal com as mães. Freire sugere também como pode ser o esperar:

#### CANÇÃO ÓBVIA

Escolhi a sombra de uma árvore para meditar  
no muito que podia fazer enquanto te esperava  
quem espera na pura esperança  
vive um tempo de espera qualquer.

Por isso enquanto te espero  
trabalharei nos campos, dialogarei com homens, mulheres e  
crianças  
minhas mãos ficarão calosas  
meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos  
meu corpo será queimado pelo sol  
meus olhos verão o que nunca tinham visto  
meus ouvidos escutarão ruídos antes despercebidos  
na difusa sonoridade de cada dia.

Desconfiei daqueles que venham me dizer  
à sombra daquela árvore, prevenidos  
que é perigoso esperar da forma que espero  
que é perigoso caminhar  
que é perigoso falar...  
porque eles rechaçam a alegria de tua chegada.

Desconfiarei também daqueles que venham me dizer  
à sombra desta árvore, que tu já chegaste  
porque estes que te anunciam ingenuamente  
antes te denunciavam.

Esperarei por ti como o jardineiro  
que prepara o jardim para a rosa  
que se abrirá na primavera (FREIRE *apud* GADOTTI, 1996,  
p.189).

Esperar e seguir o método da esperança pode ser continuar, manter a direção, mesmo durante um momento de silenciar as ações. Pode ser se colocar no

lugar do jardineiro, da Canção Óbvia de Freire, e preparar o jardim e as sementes para a rosa, ou a flor, que pode ser o girassol, que se abrirá trazendo as boas novas, os futuros possíveis que almejamos para as copesquisadoras.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em vulnerabilidades de mães proporcionou a busca no design por abordagens e metodologias que coadunassem com a sensibilidade do problema. Conheci a abordagem designantropologia que proporciona a possibilidade de ação em micropolíticas. Durante toda a pesquisa fizemos um trajeto refletindo sobre o feminismo, a perspectiva do cuidado e o transtorno do espectro autista.

As correspondências em campo ocorreram de duas formas: presencial, no segundo semestre de 2023, e remota, via aplicativo, nos dois primeiros bimestres de 2024. De forma presencial pudemos perceber que as mães se sentiram acolhidas, participaram, compartilharam algumas de suas vivências, insatisfações e relataram seu cotidiano de cuidados com seus filhos.

As trocas de forma remota também compreenderam momento significativo mostrando a confirmação das vulnerabilidades vivenciadas por estas mulheres. Conseguimos presencialmente contribuir para o início de uma tomada de consciência atuando nas micropolíticas.

E voltamos para analisar e responder à pergunta inicial da pesquisa:

**Como o designantropologia, em seus processos cocriativos, pode contribuir para a promoção do autocuidado, a tomada de consciência e a imaginação de futuros possíveis entre as mães em situação de vulnerabilidade em uma escola pública em São Luís?**

O caminho percorrido para buscar a resposta desta pergunta passa pela reflexão sobre feminismo, cuidado, vulnerabilidades, micropolíticas, macropolíticas, tempo e temporalidade.

De acordo com Marques (2008) os processos históricos e o modo das narrativas são determinantes para o conceito do termo temporalidade. Já o tempo se relaciona com o agora. E é preciso evidenciar a instituição (escolar) como fomentadora de tempo para as mães coparticipantes para a produção de micropolíticas que as afastem das vulnerabilidades.

Os aspectos temporais relacionados à busca pela superação das fragilidades podem impactar de forma efetiva na tomada de consciência, ou seja, na reflexão acerca dos aspectos de temporalidade referentes à luta feminina, como processo histórico.

Temos então que considerar a escola como fomentadora de tempo, o tempo das mães para cuidar dos filhos, para diálogos com outras pessoas, para o autocuidado, o tempo da pesquisa. Todas estas questões referentes ao tempo afetam a temporalidade que envolve todas estas ações em conjunto, continuamente, ciclicamente.

O tempo para conclusão da pesquisa no mestrado, por exemplo, em uma pesquisa que envolve design participativo, precisaria considerar que a pesquisadora coparticipante depende destes vários fatores relacionados a tempo.

Respondendo à pergunta da pesquisa, a abordagem designantropologia, com seus processos cocriativos, pode contribuir para a promoção do autocuidado, a tomada de consciência e a imaginação de futuros possíveis entre as mães em situação de vulnerabilidade de uma escola pública em São Luís, a partir da reflexão sobre a função social que estas mulheres desempenham, bem como os processos de design participativo, em designantropologia, mas para tanto é necessário fortalecer as micropolíticas, reforçando o diálogo dentro do grupo de mães para que a partir da tomada de consciência consigam atuar também nas macropolíticas.

Analisando o processo das correspondências em campo, bem como as narrativas das coparticipantes, percebemos como a proposta de tomada de consciência através da abordagem designantropologia, de fato, acabou esbarrando na reforma, por exemplo, que impediu a continuidade das correspondências em campo.

Estas falas, reflexões, pensamentos, ideias, narrativas e coisas inspiram uma abordagem mais inclusiva e colaborativa no design, desafiando tradicionais estruturas e incentivando a incorporação de perspectivas diversas, principalmente no caso de pessoas vulnerabilizadas (Noronha, Farias, Portela, 2022).

Ao finalizar esta pesquisa preciso ressaltar o quanto me encantei com as possibilidades de um design que se relaciona interdisciplinarmente com antropologia direitos humanos, pedagogia, psicopedagogia, feminismo, etc, voltado para refletir e buscar soluções para as pessoas. A abordagem designantropologia mostra que design vai além de prototipar objetos, mas cocriar coisas, pensamentos, ideias de melhorias e alcançar as mentes das pessoas, ajudando-as e ajudando a nós mesmas. Não vi possibilidade de realizar uma pesquisa em designantropologia sem me sentir afetada positivamente por tantas experiências compartilhadas.

E por ter criado tanto afeto aqui por esta pesquisa, vislumbro possibilidades futuras de outras pesquisas e fica um convite para que outras pesquisadoras possam conhecer e se envolver profundamente com designantropologia e feminismo, para realizar os jogos e atividades que não consegui fazer com as mães copesquisadoras e desenvolver coisas de design que possam contribuir na luta de nós mulheres.

## REFERÊNCIAS

AHMED, S. **Vivir una vida feminista** Tradução de María Enguix. Barcelona: Bellaterra, 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2022.

ANASTASSAKIS, Z. Design Anthropology na transformação colaborativa de espaços públicos. **Estudos em Design (Revista on line)**, Rio de Janeiro. v. 24, n. 3, 2016.

BELLACASA, M. P. de La. **Matters of Care: speculative ethics in more than human worlds**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, 2002. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10406&ano=2002&ato=ac5gXVE5ENNpWT07a>. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Diário Oficial da União, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 20 set. 2023.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches**. 3. ed. 2014.

CINTRA, A. M. S.; MESQUITA, L.P. de; MATUMOTO, S.; FORTUNA, C. M. **Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan-abr. 2017.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire**. – Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRY, T. **Design as Politics**. Oxford: Berg Publishers, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe**. 8ª reimpressão. Rio de Janeiro, Vozes, 2020.

GADOTTI, M. **Concepção Dialética da Educação**: um estudo introdutório. 12. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001. p.184.

GADOTTI, Moacir, (1996). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire. Brasília, DF: UNESCO.

GATT, C; INGOLD, T. From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time. In: GUNN, W; OTTO, T; SMITH, R, C. (Ed.). **Design Anthropology**: theory and practice. London, New York: Bloomsbury, 2013, p. 139-157.

GUNN, W; OTTO, T; SMITH, R, C. (Ed.). **Design Anthropology**: theory and practice. London, New York: Bloomsbury, 2013.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

HALSE, J. Ethnographies of the possible. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R.C. (eds). **Design Anthropology**: theory and practice. London, New York: Bloomsbury, 2013.

HERNÁNDEZ, Maria Cristina Ibarra. **Entrelaçando design com antropologia**: engajamentos com um coletivo de moradores do bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro. 2018. 238 f. Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HUDSON, D. **Dificuldades específicas de aprendizagem**: ideias práticas para trabalhar com dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, síndrome de Asperger e TOC. Tradução de Guilherme Summa. Petrópolis: Vozes, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Uma pergunta que abre portas: questão sobre autismo no Censo 2022 possibilita avanços para a comunidade TEA.. In: **Censo 2022**, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/36346-uma-pergunta-que-abre-portas-questao-sobre-autismo-no-censo-2022-possibilita-avancos-para-a-comunidade-tea> Acesso em: 30 ago. 2023.

INGOLD, Tim. **Antropologia para que serve?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

INGOLD, T. **Chega de Etnografia!** A educação da atenção como propósito da Antropologia. In: Educação. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes antropológicos. 18 (37): 25-44, 2012.

IZÍDIO, L. L.; RIBEIRO, R. A. C. Design e democracia: análise metodológica para uma prática democrática de design participativo. In: **14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, vol. 10, n. 5, 2022.

IZÍDIO, L. C. L.; FARIAS, L. G. D. de .; NORONHA , R. G. . **Reapropiación ontológica a través del diseño antropología**: producción de narrativas y subjetividades con artesanas en Paço do Lumiar, Maranhão. RChD: creación y pensamiento, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 5–22, 2022. DOI: 10.5354/0719-837X.2022.67632. Disponível em: <https://rchd.uchile.cl/index.php/RChDCP/article/view/67632>. Acesso em: 28 jul. 2023.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. **Tabula rasa**, n. 9, dez. 2008, p. 73-102.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Transtorno do espectro autista**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em agosto de 2023.

PAIVA Jr, F. Quantos autistas há no Brasil?. In: **Canal do Autismo**. 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/quantos-autistas-ha-no-brasil/#:~:text=Voltando%20C3%A0%20pergunta%20que%20n%C3%A3o,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20ser%20autista%2C%20>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MACHADO, J. Pesquisa aponta aumento de violência contra a mulher no Brasil em 2022 e integrantes do Comitê de Equidade comentam os números. In: **TRT da 4ª região - Justiça do Trabalho**. 2023. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409> Acesso em: 28 ago. 2023.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

MIYAZAKI, H. **The Method of Hope**: Anthropology, Philosophy, and Fijian Knowledge, Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2006.

MONTENEGRO, R. C. de F. M. Mulheres e cuidado: responsabilização, sobrecarga e adoecimento. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. Vitória-ES: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2018.

NORONHA, R. G.; ABREU, M. Conter e contar: autonomia e autopoiesis entre mulheres, materiais e narrativas por meio de Design Anthropology. **Pensamentos Em Design**. 2021, p. 60-65.

NORONHA, R. G.; FARIAS, L.; PORTELA, R. Design, artesanato e participação: reflexões para a autonomia produtiva de mulheres no Maranhão. **Datjournal**, v.7, n. 4, 2022.

NORONHA, R.; IZÍDIO, L. C L. **Penteando o design a contrapelo**: narrativas visuais sobre escravidão e memória no Cafua das Mercês-MA. 2022.

NORONHA, R. G; MAIA, A. M. S. S.; Design Anthropology e mulheres em vulnerabilidade”. p. 284-286. In: **Anais da III Jornada de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design - UFMA**. São Paulo: Blucher, 2022.

PESSOA, L.; GUIMARÃES G.; ALVARENGA C.; MACENA A. Escola de Mães: como o design thinking contribuiu para diminuir a taxa de mortalidade infantil no município de Santos? In: CAVALCANTE P. **Inovação e políticas públicas**: superando o mito da ideia. Brasília: Ipea, 2019. p. 53-66.

SANTOS, A. d. (Org.). **Seleção do método de pesquisa**: guia para pós-graduandos em design e áreas afins. Curitiba-Pr: Editora Insight, 2018.

SIMONSEN, J. et al. Situated Methods in Design. In: **Situated Design Methods**. MIT Press, 2014, p.1-21.

TUNSTALL, E. D. **Decolonizing design innovation**: design anthropology, critical anthropology, and indigenous knowledge. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R.C. **Design Anthropology**: Theory and Practice. London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 232–250.

ZANDOMENEGHI, A.L. et al. Criatividade e aprendizagem colaborativa através da produção de representações gráficas de síntese: uma experiência com alunos de artes visuais. In: Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano Tecnológica: Produto, Informações Ambientes Construídos e Transporte. 16., 2017, Florianópolis. **Anais**. [...]. Florianópolis: ERGODESIGN, 2017, p. 1 - 13.

ZOBOLI, E. L. C. P. **Bioética e atenção básica**: um estudo de ética descritiva com enfermeiros e médicos do Programa de Saúde da Família. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2003.